

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**INGRID JOYCE DE LIMA PATROCÍNIO**

**VÓ JOANINHA: PARTEIRA TERENA, UMA BIOGRAFIA**

**JARDIM-MS**

**2013**

**INGRID JOYCE DE LIMA PATROCÍNIO**

**VÓ JOANINHA: PARTEIRA TERENA, UMA BIOGRAFIA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras  
Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Sandra Cristina de Souza

JARDIM – MS

2013

**INGRID JOYCE DE LIMA PATROCÍNIO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**VÓ JOANINHA: PARTEIRA TERENA, UMA BIOGRAFIA**

**APROVADO EM** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Susylene Dias de Araujo

UEMS/Jardim

---

Prof. Dr. Luis Otávio Batista  
UEMS/Dourados

---

Prof<sup>º</sup>. Me. Clemilton Pereira dos Santos  
UEMS/Jardim

PATROCÍNIO, Ingrid Joyce de Lima Patrocínio.

Vó Joaquina: parteira Terena, uma Biografia. / Ingrid Joyce de Lima Patrocínio.  
Jardim: UEMS, 2013. 62 p.; 30 cm.

#### Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Trajetória de Vida 2. História de vida 3. Biografia

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

Ingrid Joyce de Lima Patrocínio

Jardim, 04 de Novembro de 2013

DEDICADO A MINHA BISAVÓ JOANA DIONÍZIA PATROCÍNIO (*IN MEMORIAN*),  
DONA DE UMA PERSONALIDADE FORTE, ÍNDIA GUERREIRA.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus porque D'Ele e por Ele para Ele são todas coisas, de ter me dado forças e poder ter alcançado o meu objetivo.

Aos meus pais, Thomas e Déborah, minha irmã Iasmim e ao meu amado Jeferson que oraram pela minha vida e me encorajaram a todo o momento.

A minha orientadora Dra Sandra Cristina de Souza que me ajudou na elaboração deste trabalho e por ter me dado à oportunidade de poder estar reconstruindo a história de vida da minha Bisavó Joaninha.

A minha amável família Terena: tias, tios, e a minha avó que contribuíram com as suas histórias e se esforçaram para lembrar dos momentos de convivência com a minha bisavó.

Ao meu amigo Thiago Sato, pela compreensão e ajuda para o desenvolvimento deste trabalho .

A todos meus amigos do curso de Letras que sempre se preocuparam e me ajudaram durante estes quatro anos de muita luta.

Agradeço a todos que acreditaram em mim e de alguma forma contribuíram para o acréscimo do presente trabalho.

## RESUMO

Como vemos, nos últimos anos tem aumentado o interesse de pessoas por trajetórias individuais, que buscam reconstruir a trajetória de vida de um personagem – seu interior, suas aspirações, seus sentimentos, seus desejos – e biografar a trajetória de uma pessoa menos extraordinária e mais comum está ligada a contextos muito maiores do que apenas suas ações e sua vida. Este trabalho nasceu de um desejo de resgatar a história de vida da “Vó Joaquina” a partir da elaboração de sua biografia como gênero literário – construímos, desconstruímos e reconstruímos – formando sua história de vida.

**PALAVRAS CHAVE:** Trajetória de vida. História de vida. Biografia.

## **ABSTRACT**

As we see, in recent years have increased the interest of people for individual trajectories, which seek to reconstruct the trajectory of the life of a character - inside, their aspirations, their feelings, their desires - and biografar the trajectory of a person less extraordinary and more common contexts is linked to much larger than just your actions and your life. This work was born of a desire to rescue the life story of "Grandma Ladybug" from the preparation of his biography as a literary genre - construct, deconstruct and reconstruct - forming your life story.

**KEY WORDS:** Trajectory of life. Life History. Biography.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	16
1 Pressupostos Teóricos.....	16
2 Pressupostos Metodológicos.....	23
CAPÍTULO II – ASPECTOS HISTÓICOS DA COMUNIDADE TERENA DA ALDEINHA EM ANASTÁCIO.....	28
CAPÍTULO III – ENTREVISTA COMO MÉTODO DE PESQUISA NO RESGATE DA HISTÓRIA DE VIDA DA VÓ JOANINHA .....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	50
ANEXO A – Transcrição das entrevistas realizadas.....	50

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1 Linha do Tempo dos Terena (parte I).....28

FIGURA 1.2 Linha do Tempo dos Terena (parte II).....29

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1.1	Localização da Aldeinha em Anastácio.....	33
MAPA 1.2	Rua Dona Joaquina, Anastácio, MS, República Federativa do Brasil.....	43

## LISTA DE SIGLAS

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.....	27
FUNASA – Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos.....	27
RENISI – Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas.....	27

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu de um desejo de resgatarmos a importância de uma história de vida. Para Monteiro, sempre que houver história, haverá lembranças. A história é a marca de um tempo em que vivemos, e se decidirmos virar as costas a este tempo, estaremos virando as costas para nós mesmo. E por que não biografar sobre a vida da Vó Joaquina? É comum vermos apenas biografias de pessoas famosas e cada vez maior o número de leitores interessados em biografias e autobiografias, é só observarmos nas prateleiras das livrarias. Mas “não se biografa em vão”<sup>1</sup>. Toda biografia possui uma finalidade.

Elaborar uma biografia não é nada fácil, passamos por vários procedimentos, priorizados vários pontos para que o objetivo viesse a ser alcançado. E nossa tarefa maior com a biografia sobre a Vó Joaquina é levá-los a entender a relevância que possui esta pesquisa pelo fato de sua vida estar engendrada com aspectos cotidianos de uma comunidade tradicional e não fazer “revelações bombásticas” ou trazer à tona fatos desconhecidos sobre sua vida.

Esta monografia está estruturada em três capítulos. No Capítulo 1 foram apresentados os Pressupostos Teóricos e Metodológicos para o melhor desenvolvimento desta pesquisa, abordando sobre a importância da escrita, da oralidade, da biografia como gênero literário e da memória onde contribuiu em toda a construção de história de vida da Vó Joaquina para que ganhasse um sentido mais amplo.

No Capítulo 2 foram apresentados os Aspectos Históricos da Comunidade Terena da Aldeinha em Anastácio. Começamos com a história do povo Terena, as mudanças radicais que sofreram na luta pelas suas terras, momentos marcantes na história dos Terena – o ontem, o hoje e o amanhã – a força dos Terena, que mesmo em uma situação difícil durante todo esse tempo ainda tem crescido e tem se adaptado às dificuldade que têm surgido ao longo do tempo para sua sobrevivência. Em seguida sobre a Aldeinha em Anastácio situada no município de Anastácio, no Mato Grosso do Sul, onde Vó Joaquina vivera e dedicara vários anos de sua vida como parteira. E através da Vó Joaquina, com seu trabalho, seu cotidiano, sua simplicidade, que podemos perceber a força da “mulher terena”, o poder de sua sobrevivência e reinvenção das formas de ser “índia terena”.

---

<sup>1</sup> Citação retirada do artigo “*A biografia e sua instrumentalidade educativa*”; Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, Agosto/99, p. 154; escrito por Jonaedson Carino.

E no Capítulo 3 a Entrevista como método de pesquisa no resgate da história de vida da Vó Joaquina, apresentamos pontos relevantes para a realização das entrevistas para que as informações fossem colhidas e parte das entrevistas que foram realizadas<sup>2</sup> na Aldeinha em Anastácio revelasse “Quem foi a Vó Joaquina”

Joana Dionízia Patrocínio, mais conhecida como “Joaquina”, nasceu em 1901 na Aldeia Buriti, localizada no município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul. De descendência indígena Terena, filha de José Jorge e Da. Maria Francisca, Joana vivera a maior parte de sua vida em Buriti.

No ano de 1939 casou-se na Aldeia com um jovem lavrador, André Patrocínio, de sua mesma etnia, Terena. Lá tiveram oito filhos, e se destacou na Aldeia com sua vocação como parteira, a partir daí era chamada várias vezes, para ajudar mulheres no trabalho de parto. Com o passar do tempo conquistaram algumas terras e gados, mas seu marido resolve vender tudo e migram para a Aldeinha em Anastácio para começarem uma nova vida.

Apaixonada pela sua profissão como parteira volta a atender, mas agora na Aldeinha em Anastácio. E com o passar dos anos começa a ficar conhecida por toda a cidade e a passar a cuidar também das mulheres que não viviam na aldeia. Joana não cobrava nada em troca pelo que fazia, mas reconheciam seu bom trabalho e a gratificavam de alguma forma com presentes e com um pouco de mantimentos.

Em 1970 fica viúva e com oito filhos para criar. Sozinha, faz de tudo para o sustento de seus filhos. Saía cedo de sua casa para lavar as roupas dos fazendeiros na cachoeira, vendia ovos na cidade, costurava, cozinhava para o Instituto Bíblico em Anastácio, cuidava de sua casa e continuou a atender as mulheres parturientes.

Dona Joaquina se fazia presente sempre que a chamavam, não importava a hora, estava sempre disposta a atender e jamais deixou de atender a nenhum chamado. E com o avanço da idade começou a perder as forças de seus braços e fez de sua filha Rute Patrocínio a sua assistente. Já não atuava mais sozinha, sua filha a acompanhava em todos os partos que realizava, mas o primeiro banho do bebê era Joana quem dava.

Joana se preocupava muito com a saúde da mãe e do bebê, e após realizar o parto, ficava por volta de um mês dando assistência. Ensinava a mãe como amamentar, dar banho,

---

<sup>2</sup> As entrevistas em *ispis litteris* foram realizadas no mês de setembro na Aldeinha em Anastácio, Mato Grosso do Sul. Entrevista I: Leida Campos Delgado – 49 anos (dona de casa), Entrevista II: Creide de Campos Leite Delgado – 48 anos (confeiteira), Entrevista III: Felicina Paulo – 83 anos (aposentada), Entrevista IV: Adalberto França Dias – 72 anos (aposentado), Entrevista V: Ruth Silva França – 72 anos (aposentada), Entrevista VI: João Patrocínio – 75 anos (aposentado). As entrevistas na íntegra encontram-se transcrita no Anexo desta monografia.

dava todas as recomendações necessárias para que não houvesse implicações com a mãe e para um bom desenvolvimento do bebê.

No dia 14 de abril no ano de 1990 aos 89 anos de idade, veio a falecer em seu domicílio nos braços de sua filha Rute, na Aldeinha em Anastácio; por isquemia cerebral, trombose cerebral e aterosclerose. E após alguns anos de sua morte é homenageada no mandato do prefeito Olarico Medeiro, com o nome de uma rua no município de Anastácio, “Rua: Dona Joaquina”, a mesma cidade onde dedicara vários anos de sua vida como parteira.

Joaquina ainda é muito querida por todos que tiveram a oportunidade de conhecê-la, mas principalmente das mulheres que procuraram o aconchego de suas mãos carinhosas, para darem à luz aos seus filhos.

Mulher trabalhadeira, prestativa, atenciosa, dedicada, adjetivos que compunham sua essência, sua maneira de viver. Dona de uma personalidade forte, sangue de índia guerreira.

E por mais que a história não seja nossa, por não ser o que nós vivemos, ela começa a fazer parte da nossa a partir do momento que a lemos e nos surpreendemos, nos identificamos, nos emocionamos, que apenas uma história de vida pode nos passar.

## Capítulo I – Pressupostos Teóricos e Metodológicos

### 1 Pressupostos Teóricos

#### Escrita

“O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a “Idade Média ao Paleolítico” aparecem figuras onde se propôs ver “mitogramas” paralelos à “mitologia” que se desenvolve na ordem verbal.” (LE GOFF, 1990, p. 432). Conforme o tempo foi passando a humanidade percebeu que não tinha como confiar somente na memória e sentiu a necessidade de registrar seus conhecimentos. E há cerca de seis mil anos atrás, surgiu a escrita. Desenvolvida também com a finalidade religiosa, cultural e comercial, a escrita tornou-se um instrumento de grande valor para a difusão de idéias e informações. E com o grande salto cultural através dos gregos, a escrita tornou-se o principal instrumento na transmissão do saber e, paralelamente, uma ferramenta de poder político.

A escrita permitiu a memória um grande progresso. Antes da invenção, alguns acontecimentos corriam o risco de serem totalmente esquecidos ao longo tempo, mas através da escrita estavam sendo registrados em mármore ou pedras, assim preservando as informações. Muitas outras formas de tentativa de escrita também foram realizadas: como na Rússia antiga: sobre osso, estofado, pele; como na Índia: folhas de palmeira; como na China: carapaça de tartaruga; e finalmente papiro, pergaminho e papel. Naquela época, no Oriente Antigo os reis mandavam gravar nas pedras relatos de seus feitos, suas vitórias militares; na China, em bambus, perguntas e respostas dos oráculos; assim cada região possuía a sua forma de escrita para guardar o que consideravam de extrema importância para o seu reino.

Para Leroi-Gourhan (1964, p. 67-68), citado por Jacques Le Goff (1990, p.434): “[...] a evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende essencialmente da evolução social e especialmente do desenvolvimento urbano”. Conforme o tempo passa, a sociedade muda, seus valores e costumes também mudam, e para que a escrita surgisse, foi necessário que a humanidade viesse a sentir falta de algo com que preservassem a sua memória.

No entanto, a escrita não foi aceita por todos. Platão (428-348 a.C.), foi o primeiro a se manifestar, expondo sua preocupação com as transformações que a escrita viria a ocasionar na cultura grega, (até então a tradição grega era essencialmente a oral), que o leva a questionar sobre a função da escrita como auxiliar da memória ou como fonte de



esquecimento. Logo, o filósofo traz para a discussão do tema da escrita e da memória em sua obra *Diálogo de Platão*, através de Sócrates em seu diálogo com Fedro<sup>3</sup>. Thot, um deus egípcio, representado com cabeça da ave íbis, inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo de damas, os dados e a escrita. Nesse tempo todo o Egito era governado por Tamuz<sup>4</sup>, e Thot encontrou-se com ele a fim de mostrar as suas artes, dizendo que era necessário que todos os egípcios as conhecessem. Mas Tamuz quis saber das utilidades de cada uma e, enquanto o deus explicava, faraó criticava ou elogiava, conforme iam lhe parecendo boas ou más.

Muitas invenções foram apresentadas, diz a lenda, mas quando chegaram à vez da invenção da escrita, exclamou Thot: “Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória”. (PLATÃO, 2000, p. 121). Para Thot, a escrita era “um grande auxiliar para a memória e a sabedoria”. Porém Tamuz não gostou nada da invenção, afirmando que ela tornaria os homens mais esquecidos, pois sabendo escrever, deixariam de exercitar a memória e iriam confiar apenas nas escrituras.

Mas ao contrário de Platão, Roberto Godoy em uma entrevista afirma:

Analisando a questão frente a nossos conhecimentos sobre a memória humana, podemos, no entanto, afirmar que escrever é uma forma salutar de ampliar nosso banco de dados. Salutar, porque é preciso esquecer para poder lembrar. Explicando: nossa memória não pode guardar absolutamente todas as informações que lhe chegam, sob risco de bloqueio. É armazenando somente o que interessa e associando convenientemente os dados estocados que a memória pode ser evocada.

Portanto, através da escrita é possível ampliar nosso banco de dados e nos lembrarmos de assuntos que antes esquecidos nos são trazidos novamente a nossa memória. Conforme vamos guardando novas informações, vamos esquecendo outras sendo um processo comum na mente humana.

Segundo Henri Atlan (1972, p. 461), citado por Jacques Le Goff (1990, p.426):

---

<sup>3</sup> “Em sua obra, os Diálogos, há a encenação dramática entre vários discursos, que se pretendem verdadeiros: sejam os discursos relativistas dos sofistas, sejam os filosóficos ou a procura de definições de Sócrates (bem como também daqueles que expõem com mais ou menos simplicidade e/ou dificuldades aquilo que pensam), há uma trama sensível de posições que entram em combate, em conflito direto. Mostração, demonstração e refutação; alegorias, mitos, matemática, imagética, são formas discursivas que tentam fazer ver algo, fazer aparecer algo. Entretanto, esse algo nunca é dito diretamente da boca de Platão. Ele, enquanto autor dos diálogos, não se imiscui na cena dramática ou quando o faz é de forma irrelevante para o contexto. É Sócrates ou Górgias, ou Cálicles, ou Teeteto, ou o Estrangeiro, etc., que falam. Todos correspondem a uma intenção determinada do autor”. Disponível no site: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/o-dialogo-como-forma-escrita-dialetica-platao.htm>>

<sup>4</sup> Tamuz ou Amón, soberano divino.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas.

Realmente a escrita vem contribuindo muito com acontecimentos que não poderiam deixar de serem esquecidos. E através da escrita, a história de vida da “Vó Joaquina” ganhou um sentido mais amplo, pois muitos que antes não a conheciam agora terão a oportunidade de saber realmente “Quem foi a Vó Joaquina”. E por mais que a história não seja nossa, por não ser o que nós vivemos, ela começa a fazer parte da nossa a partir do momento que a lemos e nos surpreendemos, nos identificamos, nos emocionamos, que apenas uma história de vida pode nos passar. E a escrita nada mais é do que a concretização da oralidade.

### **Oralidade**

O que conhecemos hoje como tradição oral, veio a nós através da voz das pessoas. A oralidade foi por muito tempo a forma predominante de transmissão de conhecimento em diversas sociedades na história humana e quando é o único meio de comunicação, são através das narrativas orais que as pessoas transmitem os seus saberes e suas experiências. De boca em boca, e de geração em geração chegou até nós o que chamamos de histórias, sejam elas lendas, contos, mitos, fábulas ou então sobre a vida de alguém.

O que foram guardadas na memória, e contadas de pai para filhos ou de avós para netos, ainda permanecem até hoje as suas narrativas, pois para suas gerações passadas tiveram importância, devido ao seu grande valor ainda são repassadas, como as histórias de vida que sempre contam algo de bom para se tirar como um exemplo.

Trazer a narração através da oralidade a este trabalho através da realização das entrevistas implica acreditar totalmente naquilo que o narrador tem a dizer, a voz passa a ser a chave para resgatar a história da “Vó Joaquina”. As narrativas orais, sobre os quais consta neste trabalho, foi uma forma de ocupar o tempo livre dos entrevistados, geralmente no final da tarde<sup>5</sup>.

Narrativas orais são narrativas da “vida”, como destaca Todorov, mas são também histórias de vida. Essas histórias não começam com “Era uma vez...” ou então “E viveram felizes para sempre...”, porque os contadores são os próprios personagens, ou então parentes

---

<sup>5</sup>A maioria dos entrevistados com quem conversei, preferiu contar sobre a “Vó Joaquina” depois do trabalho, no final da tarde.

próximos. São histórias de vida; como disse a Dona Felicina durante a entrevista: “Ela era prima do meu pai [...] eu conhecia a tia Joaquinha como parteira [...]” (informação verbal)<sup>6</sup>.

Barthes (2008, p. 19), discorre o seguinte comentário sobre as narrativas:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. [...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...] no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.

Vemos que a narrativa engloba tanto a verbal como a não verbal, e não se pode pensar em narrativas, em histórias sem pensar na ligação que há entre o ser humano e a arte de contar histórias: “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativas; todas as classes, todos os grupos humanos têm narrativas [...]” (BARTHES, 2008, p. 19).

Para que a pesquisa viesse a ser desenvolvida, o “contar” foi necessário, mas “mostrar” também exerce um ponto muito importante. Mas a tarefa de passar as narrativas orais para um papel é algo desafiador, porque o texto, antes de ser transcrito é um texto oral, com particularidades do entrevistado, como suas expressões faciais, gestos e mímicas enquanto contava. Conforme descreve Todorov (2006, p.120) “Toda narrativa é uma descrição de caracteres”. E ocorre que muitas vezes ao passar do oral para o escrito, o texto se tornar incompreensível, porque nem sempre o escrito consegue passar tudo aquilo que oral tinha nas suas entrelinhas, e o seu significado então acaba se tornando outro para quem o lê.

As narrativas compõem as tradições orais e no presente trabalho através das entrevistas, as narrativas foram todas informativas. Foram passadas informações sobre a vida da “Vó Joaquinha”, em um determinado tempo e espaço e até mesmo reflexão sobre lição de vida. Para eles, determinar onde aconteceram os fatos é tão importante quanto lembrar os nomes das pessoas que também participaram da história. Os narradores não apenas contaram o que viram/viveram, mas também de outros que tiveram experiências com ela. Como vemos

---

<sup>6</sup> Entrevista em *ipsis literis* concedida por Felicina Paulo, 83 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 15,6 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

na entrevista de Dona Ruth: “Minha irmã contou quando ela ganhou as gêmeas dela? Ela que olhou a minha irmã quando ganhou, o Doutor deu parabéns pra ela” (informação verbal)<sup>7</sup>

A memorial oral é um recurso precioso. Na fala de Ruth como podemos perceber, está presente às imagens do visto/vivido e também de outras pessoas que também tiveram experiências com a “Vó Joaquina”. A tradição oral tece as relações entre as pessoas, criando uma rede de transmissão de conhecimentos e fatos vividos no seu cotidiano. Heller (2000, p. 31), ao falar sobre o cotidiano, descreve o seguinte: “a vida cotidiana é a vida de todo homem. É, também, a vida do homem inteiro (todo), ou seja, o homem participa na vida cotidiana como todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”.

É comum vermos pessoas através da oralidade: transmitindo conhecimento, narrando acontecimentos, informando, tirando dúvidas, etc, devido à fala ser uma prática social natural do homem. Segundo Marcuschi (2001, p. 21):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal ou mais formal nos vários contextos de uso.

Quebrando o mito absoluto do domínio da escrita e do esquecimento da tradição oral, nas palavras de Graff (1995, p.37) podemos afirmar que:

A despeito das décadas nas quais os estudiosos vêm proclamando uma queda na difusão da cultura oral ‘tradicional’, a partir do advento da imprensa tipográfica móvel, continua igualmente possível e significativo situar o poder persistente de modos orais de comunicação.

Percebemos então que com o surgimento da escrita, a oralidade ainda não saiu de moda, por mais que há uma grande quantia de alfabetizados e uma ampla rede de impressos escritos.

“O ser humano desenvolveu a capacidade de transmitir conhecimento a seus semelhantes. Talvez tenha sido essa capacidade que permitiu sua sobrevivência como espécie e, certamente, foi ela que lhe deu supremacia na escala evolutiva”. (Roberto Godoy, entrevista sobre *Memória*).

---

<sup>7</sup> Entrevista em *ipsis litteris* concedida por Ruth silva França, 72 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

## Biografia como gênero literário

A escrita das trajetórias individuais é singular, cada vida é única, irrepitível, indivisível, em outras palavras, a biografia trata do individual, da trajetória de uma vida específica. Segundo Le Goff (1996) é uma maneira de “continuar a fazer história por outros meios”. “Biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepitível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo quase sempre revivê-lo”<sup>8</sup>.

Como gênero literário, a biografia é uma narração da história de vida de uma pessoa notável em uma sociedade. Uma escrita dos acontecimentos particulares em que conste a trajetória individual de alguém, com várias informações como o nome do biografado, data e local de nascimento, moradia, naturalidade, principais fatos ocorridos, entre muitas outras informações, os principais acontecimentos da vida, atividade profissional, grandes, entre outras.

Jamais defrontaremos com o homem em geral, mas sempre com um homem particular, um indivíduo, que frequentemente constitui um enigma, um problema cuja solução, bem sabemos, só pode ser encontrada nele mesmo. A característica mais essencial do homem apresenta-se então com sendo a sua individualidade, o fato de ser ele o resultado único em seu gênero e de, separado espacialmente de todos os demais homens, não se assemelhar totalmente a nenhum, comportando-se de maneira que lhe é própria. (FILLOUX, 1959, p.08).

Por mais que o ser humano é profundamente integrado no mundo, ele mantém a sua essência, sua individualidade, consegue interagir sem perder sua forma única. Segundo Dilthey (1945, p.362): “Na biografia é onde se expressa de maneira mais simples esta valoração independente da pessoa, que é própria das ciências do espírito”.

Narrar uma vida é também lembrar,

Que os indivíduos biografados – como qualquer indivíduo –, a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros. [...] o biógrafo tem a tarefa de recuperar o ‘drama da liberdade’ [...] dos personagens – as incertezas, as oscilações, as incoerências e, por que não?, o papel do acaso – mostrando que suas trajetórias não estavam predeterminadas desde o início. (SCHMIDT, 1997, p. 11).

---

<sup>8</sup> Citação retirada do artigo “*A biografia e sua instrumentalidade educativa*”; Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, Agosto/99, p. 154; escrito por Jonaedson Carino.

E por mais que se trate de sua individualidade, a história não traz apenas narrações que relatam sobre a vida da “Vó Joaquina”, pois os principais fatos de sua trajetória aconteceram com a participação direta com outras pessoas. Segundo Laing (1986, p.78), “não podemos fazer o relato fiel de ‘uma pessoa’ sem falar do seu relacionamento com os outros”. O indivíduo não existe só. E ao biografar, a possibilidade de uma individualidade unitária parece então se perder em meio a tantas outras identidades, locais e acontecimentos. Em *A sociedade dos indivíduos*, Norbert Elias afirma que a sociedade nada mais é do que uma mera acumulação de muitas pessoas individuais, “os seres humanos individuais ligam-se aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade” (ELIAS, 1994, p. 08). Por isso a concepção de uma “sociedade de indivíduos”.

Mas ao biografar exige-se do autor um grande respeito ao biografado, tomemos aqui as mesmas palavras de Borges:

Principalmente, a meu ver, é preciso um grande respeito ao outro, um cuidado para não se querer “consumir” o biografado como um produto, evitando aquilo que ocorre por vezes hoje em dia, nas relações humanas e, especialmente, em algumas relações biográficas. Uma vida não deve ser encarada como um objeto que vamos expor e vender, sem outras considerações, embora, obviamente, faça parte de nosso trabalho devolver à sociedade o produto de nossas pesquisas (BORGES, 2009, p. 237).

E nossa tarefa maior com a biografar sobre a “Vó Joaquina” é levar as pessoas a entenderem a relevância que possui esta pesquisa pelo fato de sua vida estar engendrada com aspectos cotidianos de uma comunidade tradicional, que tem sua reprodução cultural balizada na oralidade e não fazer “revelações bombásticas” ou trazer fatos desconhecidos sobre sua vida. Desta forma:

[...] para o historiador biógrafo em particular, não existem fatos importantes em si, que precisam ser revelados “do a quem doer”; além disso, o que lhes interessa não é o inusitado por ele mesmo. Também sua forma de encarar a verdade é – ou deveria ser – mais sofisticada, e tensionada, do que aquela própria do senso comum, limitada à factualidade imediatamente apreensível. [...] Respeito pelo personagem biografado – no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada – e respeito pelas regras, historicamente construídas, do ofício de historiador: tais me parecem ser os parâmetros mais importantes desta ética particular, aquela do profissional de História que se dedica a perscrutar os caminhos e descaminhos de uma vida. (SCHMIDT 2009, p. 24-25).

É comum vermos apenas biografias de pessoas famosas, mas “não se biografa em vão”<sup>9</sup>. Toda biografia possui uma finalidade, e no presente trabalho foi resgatarmos a história de vida da “Vó Joaquina” e a sua grande importância para a *Aldeinha em Anastácio*<sup>10</sup>, na sua afirmação étnica e reprodução cultural.

Ao dizermos que somos brancos, amarelos, negros, pardos, mulatos, indígenas entre outros, é apenas uma forma metafórica de informarmos a que etnia pertencemos, que possuem as mesmas “características culturais – língua religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo”. (HALL, 2006, p.17).

Segundo Levi Strauss (2000, p. 21):

A originalidade de cada uma delas reside antes na maneira particular como resolvem os seus problemas e perspectivam valores que são aproximadamente o mesmo para todos os homens, porque todos os homens sem exceção possuem uma linguagem, técnicas, arte, conhecimentos de tipo científico, crenças religiosas, organização social, econômica e política.

“Vó Joaquina” possuía fortes raízes Terena, suas características culturais apenas reafirmavam a sua etnia, o sangue de “índia” percorria em todo o seu corpo. Suas lutas diárias apenas a tornava mais resistente a mudanças que poderiam afetar o seu modo de viver.

## 2 Pressupostos Metodológicos

### Memória

A palavra “Memória” vem do grego *Mnemosyne*; uma deusa, filha de Urano e de Gaia, irmã de Chronos e de Okeanos - filha do céu e da terra, irmã do tempo e do oceano. Onde os gregos fizeram dela uma divindade, devido ao valor que lhe foi atribuído em um tempo com tradição oral devido ainda não havia surgido à escrita.

A memória de certa forma ela tem certa ligação com a temporalidade. Pedro da Silva Nava um grande memorialista<sup>11</sup> em uma entrevista ao *Estado de S. Paulo*, diz o seguinte: “quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já vem

---

<sup>9</sup> Citação retirada do artigo “*A biografia e sua instrumentalidade educativa*”; Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, Agosto/99, p. 154; escrito por Jonaedson Carino.

<sup>10</sup> A *Aldeinha* é situada no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul.

<sup>11</sup> Dos setenta aos oitenta anos de idade produziu uma obra que, para os especialistas, é uma espécie de pedra de toque do memorialismo brasileiro: *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1974), *Chão de Ferro* (1976), *Beira Mar* (1978), *Galos das Trevas* (1981) e o *Círio Perfeito* (1983).

molhado do presente. Quando atinge o que procura não é o mesmo anzol e o que traz também vem alterado”. (MOTTA, O Estado de S. Paulo, 15 fev. 1981, p.10)<sup>12</sup>.

Roberto Godoy, médico neurocirurgião, em uma entrevista<sup>13</sup> explica que o cérebro adquire e armazena muitas informações. Um desses processos de memorização é a memória declarativa (também chamada explícita) responsável por gravar e trazer informação de fatos e de dados levados ao nosso conhecimento através dos sentidos e de processos internos do cérebro, como associação de dados, dedução e criação de idéias. Esse tipo de memória é levado ao grau de consciente através de imagens, sons, etc. A memória declarativa inclui a memória de acontecimentos vivenciados pela pessoa (memória episódica) e de informações adquiridas pela transmissão do saber de forma escrita, visual e sonora (memória semântica).

E através da memória declarativa dos entrevistados foi possível receber várias informações sobre a “Vó Joaquina”, pois foram fatos vivenciados por eles mesmos e que ainda estão guardadas em suas memórias. Quando falamos que nos “lembramos” de algo passado, é preciso que esse algo tenha realmente de fato, existido, acontecido. Para Goody (1977a, p. 35), citado por Jacques Le Goff (1990, p.426) em sua obra *História e Memória*: “Em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória a longo prazo e , temporariamente, na memória ativa”.

Godoy também afirma que não há uma estrutura ou um determinado pedaço do cérebro reconhecidamente onde são depositadas todas as nossas informações, apesar de que se acredite que o lobo temporal esteja envolvido com a memória de fatos ocorridos no passado. No entanto, são conhecidas várias estruturas cerebrais envolvidas com a obtenção e o procedimento de armazenamento de dados.

Durante as entrevistas realizadas<sup>14</sup> nota-se que muitos fatos já foram esquecidos, e os entrevistados reconhecem este esquecimento. Mas este é um fenômeno muito comum que, em

---

<sup>12</sup> MOTTA, Lourenço Dantas. Quando vamos pescar uma coisa nesse fundo que é a memória, o anzol já volta molhado do presente. O Estado de S. Paulo, 15 de fev. 1981, Suplemento Cultural, p.8, 9 e 10.

<sup>13</sup> Entrevista sobre *Memória* realizada com Roberto Godoy, médico neurocirurgião com vasta produção científica publicada, disponível no site <<http://drauziovarella.com.br/corpo-humano/memoria/>>.

<sup>14</sup> As entrevistas em *ipsis litteris* foram realizadas no mês de setembro na Aldeinha em Anastácio, Mato Grosso do Sul. Entrevista I: Leida Campos Delgado – 49 anos (dona de casa), Entrevista II: Creide de Campos Leite Delgado – 48 anos (confeiteira), Entrevista III: Felicina Paulo – 83 anos (aposentada), Entrevista IV: Adalberto França Dias – 72 anos (aposentado), Entrevista IV: Ruth Silva França – 72 anos (aposentada), Entrevista V: João Patrocínio – 75 anos (aposentado). As entrevistas na íntegra encontram-se transcrita no Anexo desta monografia.



maior ou menor grau, ocorre com qualquer pessoa. Como Dona Felicina disse: “Algumas coisas não lembro, eu sei aquilo que eu lembro né [...]”<sup>15</sup> (informação verbal)

Trata-se de uma falha na retenção ou na evocação dos dados da memória. E com o passar da idade, é comum às pessoas possuírem mais dificuldade para lembrar-se de fatos passados. Outro ponto que devemos considerar é o processo de interferência, sabe-se que aprendendo algo novo pode interferir com um antigo que lhe guarde alguma semelhança ou que lhe possa ser associado. Deste modo, a cada nova informação haveria modificação naquelas já concretizadas.

Deve-se aqui ressaltar que a maioria dos entrevistados possui mais de setenta anos, e realmente o acúmulo de informações ao longo do tempo, faz com que pessoas de mais idade tenham maior dificuldade em relação à evocação da memória. Mas todas as informações que foram dadas durante a entrevista estavam arquivadas em suas memórias, pois não é possível evocar uma informação se ela não foi devidamente arquivada, foi necessário todo um processo para que guardassem em suas memórias fatos sobre a “Vó Joanelha”, onde a atenção foi primordial, pois sem atenção é impossível guardar um fato, e sem guardá-lo, não há como recuperá-los depois. Mas a memória é seletiva, nem tudo fica gravado e registrado.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança de pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico da tradição familiar. (NAVA, 2012, p. 39).

Nava afirma que é uma tradição que vai passando do velho para o moço, pois é apenas o velho que sabe daquele vizinho da sua avó. Se aqui colocarmos a “Vó Joanelha”, apenas o mais velho que sabe quem foi ela, apenas o mais velho que sabe o que ela fazia, apenas o mais velho que sabe se muitas pessoas a conheciam... e tantos outros “saberes” que apenas o mais velho é que sabe responder fatos que ocorreram a mais de vinte anos atrás.

A *priori*, a memória parece ser algo individual, relativamente íntimo e próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, o primeiro sociólogo a resgatar o tema da memória para o campo das interações sociais<sup>16</sup>, com a sua obra *A Memória Coletiva*, enfatizou que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno

---

<sup>15</sup> Entrevista em *ipsis literis* concedida por Felicina Paulo, 83 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 15,6 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>16</sup> Maurice Halbwachs estabeleceu os principais argumentos teóricos sobre a memória coletiva em duas obras: *Os quadros sociais da memória* (1925) e *A memória coletiva*, esta última publicada após sua morte (1950).

construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes; havendo na maioria das memórias marcos ou pontos relativamente invariáveis e imutáveis.

Se destacarmos esta característica invariável e imutável da memória, percebemos que na realização das entrevistas de história de vida da “Vó Joaquina”, ocorreu claramente esta invariabilidade, pois no decorrer das entrevistas entre vinte e quarenta minutos, a ordem cronológica não foi necessariamente obedecida, os entrevistados voltaram várias vezes aos mesmos acontecimentos, mas onde nessas voltas os acontecimentos narrados não sofreram variação alguma.

A memória individual “[...] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 2004, p.58). Em outras palavras, a memória individual não pode ser distanciada da memória coletiva, pois indivíduo isoladamente não tem o controle da evocação e resgate sobre o passado. De acordo com Halbwachs é certo que nos lembramos, do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, mas o indivíduo nunca está só.

O ser humano compõe suas memórias a partir das diversas formas de interação que possui com outros indivíduos. De acordo com Halbwachs (2004, p. 30):

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Nas entrevistas realizadas em nossa pesquisa, o assunto não girou apenas em torno da “Vó Joaquina”, mas também de pessoas que estavam sempre a sua volta como: a sua filha que a ajudava no seu dia-a-dia, do seu esposo que falecera, fatos que ocorreram no passado dos próprios entrevistados, entre vários outros assuntos. Assim sendo, os entrevistados teceram as suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantiveram com outros indivíduos, de eventos que ocorreram no seu passado.

E com os dados fornecidos durante as entrevistas sobre a “Vó Joaquina”, se foi necessário confiar inteiramente na memória dos entrevistados:

Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir. Muitas vezes não os conheço melhor, nem de outro modo, do que os acontecimentos antigos que ocorreram antes de meu nascimento. [...] Mas é uma memória emprestada e que não é minha. (HALBWACHS, 2004, p.58).

O que o indivíduo narra não é uma construção de um fato vivenciado no passado, mas é o próprio fato em si. E passado vinte e três anos que a “Vó Joaninha” veio a falecer, a pesquisa ficou totalmente dependente dos conhecimentos que foram fornecidos. O valor de cada fala foi de extrema importância para que a pesquisa alcançasse o seu objetivo e sua biografia fosse realizada. Houve grande esforço dos entrevistados para se recordarem dos acontecimentos, pois quando os encontrava novamente após já realizada a entrevista, eles forneciam mais informações que antes não haviam retratado.

## Capítulo II – Aspectos Históricos da Comunidade Terena da Aldeinha em Anastácio

A população indígena no Brasil é constituída por muitos povos, diferentes um dos outros, com usos, costumes e crenças próprias, e que falam línguas diferentes. Reconhecidamente pela Constituição Brasileira de 1988 pelo Artigo 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terra que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Recentemente no Brasil, segundo dados da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, existem 817 mil índios, que representa cerca de 0,4% da população brasileira<sup>17</sup>, que estão distribuídos entre 688 Terras Indígenas. No estado de Mato Grosso Sul encontramos 9 etnias com cerca de 73.295 índios, dentre elas está o povo Terena, com cerca de 23.090 índios segundo dados da Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas – Funasa/Renisi 2013.<sup>18</sup>

A história dos Terena é bem longa e está diretamente ligada às histórias de vários outros povos indígenas, dos europeus, dos africanos e seus descendentes.

---

<sup>17</sup> Segundo dados do Censo 2010, disponível no site: <[www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)>. Acesso em 09 de out. 2013

<sup>18</sup> Disponível no site:< [http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe\\_dsei.asp?strcddsei=20](http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?strcddsei=20)>. Acesso em 09 de out. 2013

## Linha do Tempo dos Terena

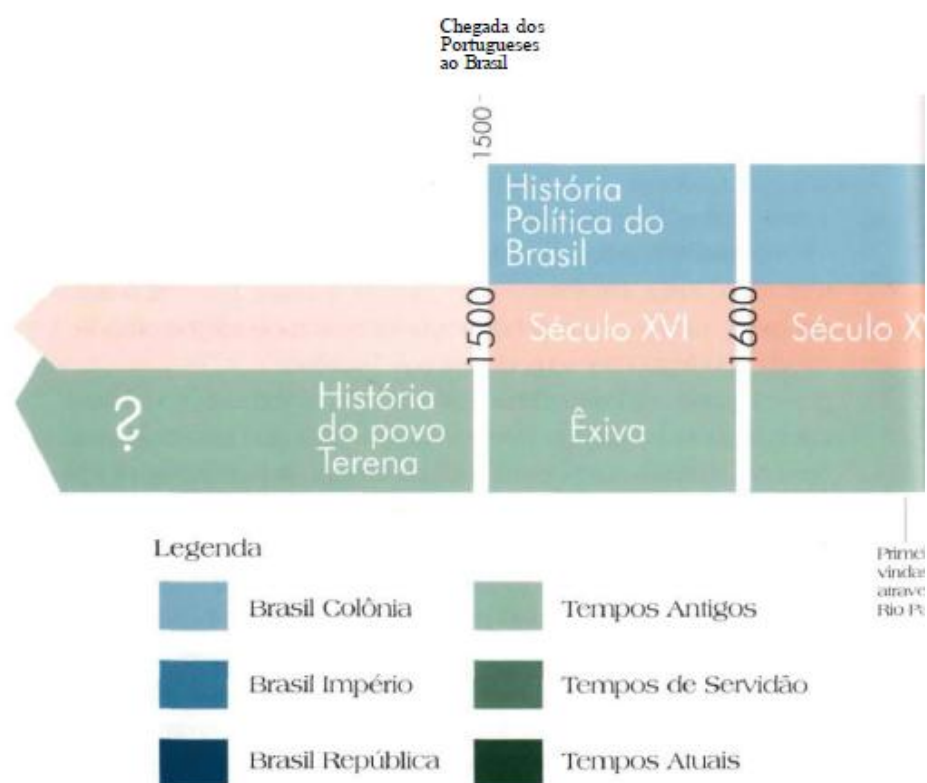


Figura 1.1: Linha do Tempo dos Terena (parte I).

Fonte: Livro “*A história do povo Terena*”, p. 24.

O povo Terena vivia antigamente na região do Êxiva, lugar mais conhecido como Chaco. Segundo Carvalho (1979, p.50), o Chaco, “[...] era um país habitado apenas por índios, divididos em treze nações ainda não submetidas à dominação colonial, embora todo o território fosse cercado por províncias conquistadas e povoadas por espanhóis [...]”.

Quando os europeus chegaram ao Êxiva, as tribos que falavam a língua *Aruák*<sup>19</sup> eram chamados de Guaná. Há vários relatos escritos espanhóis descrevendo os Guaná. Em 1793 Francisco Aguirre, contou que:

Os Guaná em seu idioma “Chané”, isto é, “muita gente”, habitam o Chaco paraguaio [...] das margens do Rio Paraguai até os confins do Peru. É a nação numerosa [...] As nações Guaná que se conhecem nesta parte oriental

<sup>19</sup> “O nome *Aruák* vem de povos que habitavam principalmente as Guianas, região próxima ao Brasil e algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas. Quando os europeus começaram a dominar a região, os *Aruák* dividiam e disputavam o mesmo espaço com outro povo indígena, os *Karib*. [...] Tal como aconteceu com o nome *Karib*, que passou a designar aquela região, o *Caribe* [...]”. BITTENCOURT, C.M.; LADEIRA, M. E. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000, p. 12.

são 5. Layana, Etelenoe ou Etelena, Equiniquinao ou Equiliquinao, Neguecatemi e Hechoaladi.

Cada povo tem momentos importantes marcados por acontecimentos e para os Terena há três grandes momentos em sua história.

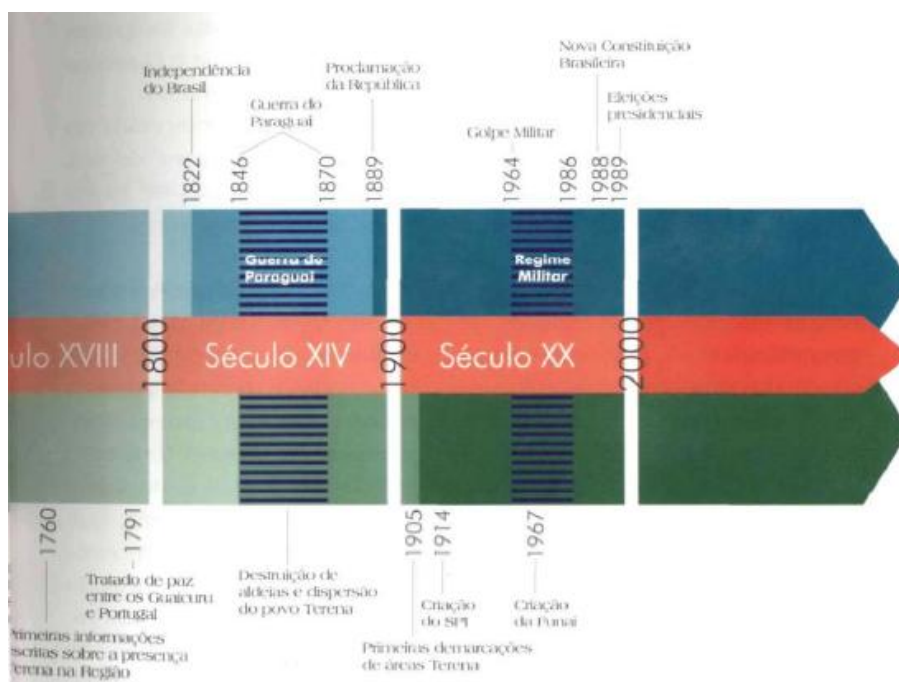


Figura 1.2: Linha do Tempo dos Terena (parte II)

Fonte: Livro “A história do povo Terena”, p. 25.

O primeiro deles foi a saída do Êxiva, onde os Terena dedicaram-se a agricultura e estabeleceram alianças importantes<sup>20</sup>. A história entre os Guaná e os Mbaya Guaicuru<sup>21</sup> foi de aliança<sup>22</sup>, entre ela foram feitas muitas lutas importantes nas lutas contra as tribos inimigas e contra espanhóis e portugueses.

Em seguida, um acontecimento que mudaria a vida dos Terena, a Guerra do Paraguai. Que segundo Bittencourt e Ladeira (2000, p. 26) “o momento mais significativo da vida dos Terena foi a Guerra do Paraguai [...]”. Uma guerra onde teve a participação de vários outros

<sup>20</sup> “[...] transpondo o rio Paraguai, e a ocupação da região do atual estado de Mato-Grosso do Sul. Este período foi longo, durante muitos anos, com migrações que foram feiras em todo o decorrer do século XVIII.” BITTENCOURT, C.M.; LADEIRA, M. E. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000, p. 12.

<sup>21</sup> No Chaco viviam também os Mbaya Guaicuru e os Guarani.

<sup>22</sup> “A aliança entre os Guaná e os Guaicuru foi possível por serem povos com um modo de vida diferente. Os Guanás era hábeis agricultores que viviam das roças próximas às suas aldeias e os Guaicuru, vivendo da caça e da pesca, controlavam vastos territórios. Atualmente o único grupo de origem Mbaya Guaicuru no Brasil é o Kadiwéu [...]”. BITTENCOURT, C.M.; LADEIRA, M. E. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000, p. 12.

países – Argentina e Uruguai juntamente com o Brasil formavam a Tríplice Aliança<sup>23</sup> – onde os Terena juntamente com os Guaicuru aliaram-se aos brasileiros e lutaram pelas suas terras. Com o fim da Guerra do Paraguai, segundo Azanha (2000, p.22), “acarretou uma mudança radical no *modus vivendi* (grifo do autor) dos grupos Guaná [...]”, as aldeias se dispersaram por uma vasta região, e ao retornar<sup>24</sup> perderam grande parte das suas terras, que passaram a ser disputadas pelos *purutuyé*<sup>25</sup>, que possuíam grande interesse para plantar e criar os seus gados.

O terceiro momento corresponde à delimitação das Reservas Terena, que iniciou com a Comissão Construtora das Linhas Telegráficas comandadas por Rondon, e continua até hoje. E essa época está sendo marcada por uma proximidade maior com os *purutuyé*, que vem refletindo mudanças nos hábitos e costumes dos Terena.

Até meados de 1850 as terras do Brasil eram doadas pelo governo para as pessoas de sua confiança. Mas no mesmo ano foi decretada a “Lei de Terras”<sup>26</sup> e, a partir de 1850, ficou determinado que as terras poderiam ser compradas e vendidas sem precisar da aprovação do governo. E o Ministério do Império mandava incorporar com terras devolutas as terras dos índios que não eram mais “selvagens” e viviam pacificamente com os chamados “civilizados”.

O “índio bravo” era selvagem porque defendia sua terra com armas, e nesse caso o governo reconhecia sua posse. E o “índio manso” não brigava mais, então podia ser desapropriado de sua terra. E esta era a condição dos Terena, assim, muitas de suas terras foram tomadas e vendidas em leilão; “esta era um nova situação da história de propriedade da terra no Brasil e afetou muito a vida dos grupos indígenas.” (BITTENCOURT, C.M; LADEIRA, M.E, 2000, p. 76).

Nestes últimos anos vemos muitas notícias, reportagens a respeito dos Terena que vivem aqui aos nossos redores e a briga que compraram para conseguirem as suas terras de volta, realmente muitos não sabem sobre as terras dos Terena tal que no ano de 2012 foi publicado um livro chamado “*Terra, Indígena Buriti*”<sup>27</sup>, escrito por Jorge Eremites<sup>28</sup> de

---

<sup>23</sup> A Tríplice Aliança foi a união entre Argentina, Brasil e Uruguai para lutar contra o Paraguai na Guerra do Paraguai entre 1864 e 1870.

<sup>24</sup> “Vindo do conflito, quando começaram a retornar aos seus territórios tradicionais, estes já haviam sido tomados em grande parte por terceiros” AZANHA, 2004, p. 05.

<sup>25</sup> Palavra em terena que significa “não índio”, “branco” em português.

<sup>26</sup> “A Lei de Terras tinha como finalidade forçar a colonização de mais terras e autorizava o governo a vender por leilão, as *terras devolutas*, isto é as terras que não possuíam registro de propriedade”. BITTENCOURT, C.M.; LADEIRA, M. E. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000, p. 75.

<sup>27</sup> “Perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracajú, Mato Grosso do Sul”.

Oliveira e Levi Marques Pereira<sup>29</sup>, tratando-se de um estudo complexo que envolve a reivindicação de direitos territoriais por parte da comunidade Terena, cujo tema central remete à ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, de 2.090 para 17.200 hectares, localizada nos municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia, com base nas descrições etnográficas e nas pesquisas antropológicas, arqueológicas e históricas que foram realizadas; onde esta pesquisa tem contribuído grandemente para o povo Terena. Esta é apenas uma das aldeias dos Terena que lutam pela retomada de suas terras.

As terras disputadas pelos fazendeiros e pelos Terena possuem valores bem diferentes entre ambos os lados, enquanto de um lado para os proprietários de terra representam lucro, do outro representa a história, a sua identidade, a casa, o abrigo, a mãe-terra que tanto preservam; de fato há grande necessidade e direito deste povo voltar a habitar nas terras que lhe pertencem.

E até os dias de hoje, os Terena vem sendo obrigados a se submeterem a trabalhos para os proprietários de terras particulares, mas os Terena estão lutando bravamente pelos seus direitos como cidadãos brasileiros e escrevendo sua nova história. No mito “*KÓHÓ YOKO HOVÓVO*”<sup>30</sup>, metaforicamente o tuiuiú representa a sociedade nacional e o sapo a sociedade Terena; onde o sapo ali na garganta quase totalmente engolido cria uma estratégia estufando-se e com isso o tuiuiú fica engasgado e o joga para fora. Este mito demonstra a força dos Terena, que mesmo em uma situação difícil, durante todo esse tempo ainda tem crescido, e tem se adaptado às dificuldades que têm surgido ao longo do tempo para sua sobrevivência.

Em relação à cultura os Terena possuíram um espaço aberto para muitas influências socioculturais advindas de outras sociedades. O conceito de cultura pode ainda ser qualificado como:

[...] tradições culturais, cada uma delas exibindo uma agregação empírica de certos elementos e formando conjuntos de características coexistentes que tendem a persistir ao longo do tempo, ainda que na vida das populações locais e regionais várias dessas correntes possam misturar-se. [...] O principal critério é que cada tradição mostre um certo grau de coerência ao longo do tempo, e possa ser reconhecida nos vários contextos em que coexiste com outras em diferentes comunidades e regiões. (BARTH, 2000, p. 123-124)

---

<sup>29</sup> Doutor em Ciências (Antropologia Social) pela USP – Universidade de São Paulo, com estágio em pós-doutorado em Antropologia Social pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

<sup>30</sup> NINCAO, O. S. KOHO YOKO HAVOVO. *O Tuiuiú e o Sapo: biletamento, identidade e política lingüística na formação continuada de professores Terena*. Tese de Doutorado. 2008. Unicamp, Campinas.



Neste sentido, chega-se a definição de cultura entendida como “tradição”, algo que as pessoas herdam, empregam, transformam e transmitem. Os diferentes contatos que estabeleceram ao decorrer de sua história, fez com que muitos costumes e hábitos de vida tenham se transformado; as vestimentas, as construções das casas, os alimentos e em muitas outras coisas de seu cotidiano tem mudado. Azanha (2006, p.75) faz um comentário sobre o relato de Max Schmidt, que os observou em 1917:

[...] a abertura para o exterior [...], no dizer de Max Schmidt (1917), traduz-se na tendência daqueles povos em “[...] se aperfeiçoarem cada vez mais por meio de empréstimos de culturas estranhas superiores à sua”. Segundo este autor, a abertura para o exterior dos Aruak foi responsável pela incorporação ao seu patrimônio cultural de pautas e equipamentos culturais de outros povos e teria lhes favorecido a adaptação em ambientes diversos - o que explicaria o seu expansionismo e seu domínio sobre outros povos, a quem reputavam de inferiores. Tal tendência seria reforçada com a realização de alianças com povos que reputavam superiores, politicamente falando, desde que isso lhes trouxesse vantagens - como ocorreu no passado com os Mbayá-Guaicuru ou depois com os *porutuyé* (“brancos”).

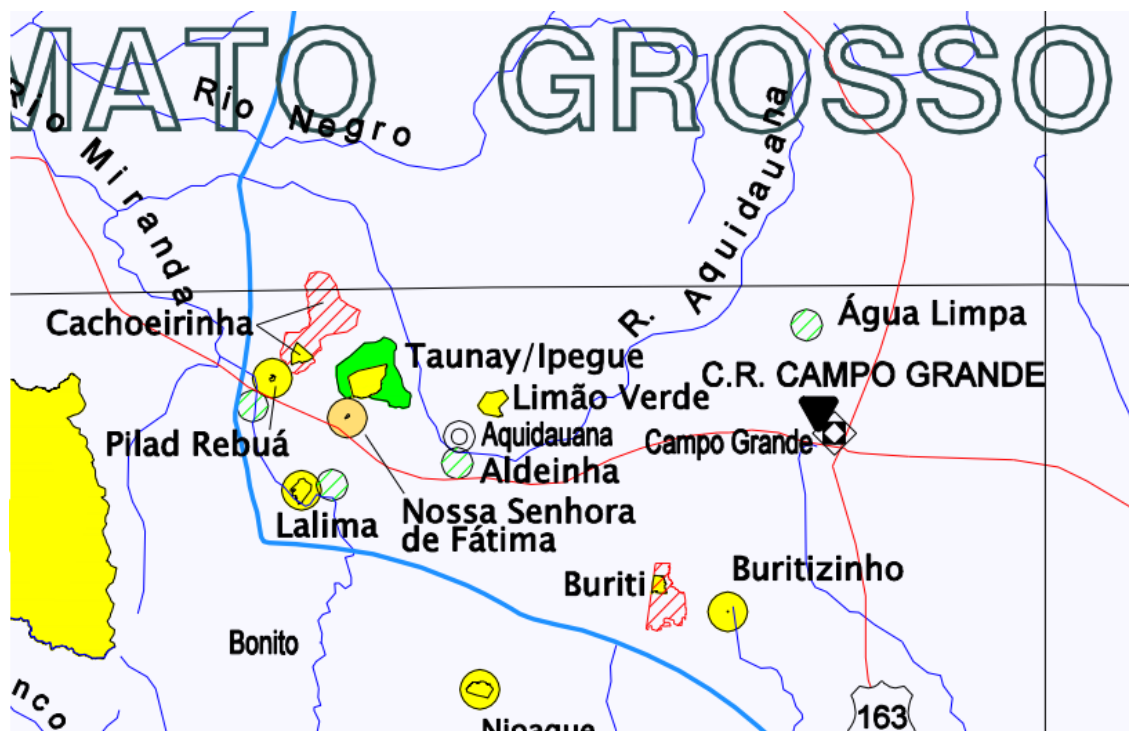
Apesar de todas as intervenções culturais, a identidade do povo Terena ainda permanece, comprovando a sua resistência; a língua, relações familiares, festas, o artesanato ainda conserva-se, comprovando a resistência dos Terena. Quanto a idéia de extinguir o índio, os Terena falam que não acreditam na derrota, não acreditam serem vencidos, continuam crendo na sua capacidade de sobreviver e vão lutar acreditando na sua capacidade de vencer.

Sandra Cristina de Souza<sup>31</sup> em sua tese nos remete a esta pergunta ao fato que sempre que um visitante chega a Aldeinha em Anastácio indaga: “Mas onde é mesmo a aldeia?”. Isto porque há reconhecimento de apenas três hectares sendo ocupados pelos Terena, quando na verdade seriam os cinco quarteirões em torno do território reconhecido pela FUNAI, onde são ocupados por outros da comunidade.

A *Aldeinha* é situada no município de Anastácio, no Mato Grosso do Sul, e pertence à Terra Indígena Limão Verde.

---

<sup>31</sup> SOUZA, S. C. *Aldeinha: Mas onde mesmo é a aldeia? Organização Social e Territorialidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). 2009. PUC-SP. São Paulo.



Mapa 1.1: Localização da Aldeinha em Anastácio.

Fonte: Disponível em < [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br) ><sup>32</sup>

Atualmente a *Aldeinha* tem cerca de 464 índios<sup>33</sup>, dividida entre filhos e netos, que habitam a localidade hoje. E devido a *Aldeinha* estar localizada no município de Anastácio, há escolas, faculdade<sup>34</sup>, Posto de Saúde que atende a aldeia<sup>35</sup>, mercados<sup>36</sup>, igrejas<sup>37</sup>, etc.

E nota-se que o ideal dos Terena é morar junto as *parentelas*, “*ienõchapá*”<sup>38</sup>, .

Um grupo de parentes está articulado em torno da figura de um líder, geralmente um velho, um ancião identificado como um *tronco*. Caso este velho venha a falecer, sua esposa pode assumir a posição de pessoa de

<sup>32</sup> Acessado em 09 de out. 2013.

<sup>33</sup> Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas – Funasa/Renisi. Disponível no site: <[http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe\\_dsei.asp?strcddsei=20](http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?strcddsei=20)>, acessado em 09 out. 1013.

<sup>34</sup> A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, possui cota para indígenas. Além disso, a Secretaria de Assistência Estadual do Governo do Estado (SETASS) em convênio com a UEMS realiza o programa Vale Universidade Indígena, proporcionando uma bolsa de R\$ 360,00 mensais por 20 horas de monitoria para os estudantes indígenas.

<sup>35</sup> Antigamente todos os moradores indígenas que não morassem dentro dos três hectares deveriam ser atendidos pelo Posto de Saúde do bairro que não atendem os indígenas. Mas houve uma reconsideração e aqueles que apresentassem a identidade indígena poderiam então ser atendidos no Posto de Saúde destinado a aldeia.

<sup>36</sup> Mas não deixaram de cultivar mandiocas, abóboras, batata-doce, árvores frutíferas, criam galinhas, etc em seus “terreiros” como nomeiam as partes divididas entre filhos e netos.

<sup>37</sup> Atualmente nas aldeias Terena há várias denominações presentes: católica, evangélicos, pentecostais e neopentecostais. Mas a crença da pajelança ainda é presente, existem ainda vários curandeiros.

<sup>38</sup> Palavra em terena que significa “meus parentes” em português.

referência para o grupo de parentes e, nesse caso, o tronco passa a ser uma mulher idosa. (BITTENCOURT C. M; LADEIRA, M.E, 2000, p. 126).

Mas o intuito não é que seja apenas o homem o *tronco*, mas o casal de velhos, onde possuem o conhecimento da tradição, possam resolver problemas de convivência da aldeia e dar conselhos para os mais jovens. Em resumo o papel do *tronco* é fazer com que os parentes vivam juntos e em harmonia.

É comum indivíduos de um *tronco* buscar parceiros matrimoniais em outro tronco, pois os parentes estão distribuídos por vários *trancos*. E quando isso ocorre é de grande festa para os parentes, pois os *trancos* dizem que índio tem que casar com índio e se casar com *purutuyé* não vai dar certo e vai acabar com os índios.

Uma atividade simbólica-cultural e que tem grande importância para a identidade Terena, é o “Dia do Índio”, onde são realizadas diversas atividades, mas da qual a principal é a “Dança do Bate-Pau”, “*Hiokixoti-kipahe*” em Terena que seria “Estar Vestido de Ema”. O Dia do Índio é celebrado em todas as aldeias inclusive a Aldeinha, que se reúnem na Chácara Água Azul<sup>39</sup> para comemorarem.

Por mais que a Aldeinha fica na cidade de Anastácio e está totalmente em contato com a “sociedade moderna”, os Terena não se tornam menos índio.

A humanidade em progresso nunca se assemelha a uma pessoa que sobe em uma escada, acrescentando para cada um dos seus movimentos um novo degrau a todos aqueles já anteriormente conquistados, evoca antes o jogador cuja sorte é repartida no tabuleiro, formando outras tantas somas diferentes. O que ganhamos num, arriscamo-nos a perdê-lo noutro. (LEVI STRAUSS, 2000, p.09).

E se arriscando a identidade do povo Terena redefine-se a cada ano, a elasticidade de se reinventar ao longo do tempo sem se esquecer de suas antigas histórias é uma arte que possuem.

Segundo Stuart Hall (2006, p.15):

O discurso da cultura nacional [...] constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas freqüentemente esse mesmo retorno ao

---

<sup>39</sup> Localizada na R. Acogo, 0, MS à 4km da Aldeinha.

passado oculta uma luta para mobilizar as "pessoas" para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os "outros" que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente.

Ainda acrescenta que “parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais.” (ibid., p. 21). Com esta fala percebemos que há algo em comum entre Stuart Hall e o povo Terena, pois ambos acreditam que uma identidade nacional não será destruída pela modernidade, pois possuem a capacidade de se reinventarem.

Os Terena estão sempre prontos para construir uma nova história, a cada dia que passa suas esperanças são postas à prova – as lutas pela retomada de suas terras, as lutas pelo reconhecimento de seu povo – lutas de um povo guerreiro, e guerreiro não pára de lutar até que a guerra termine e conquiste sua vitória.

### Capítulo III - Entrevista como método de pesquisa no resgate da história de vida da Vó Joaquina

A vida é dinâmica e não cessa. Somos proprietários de um tempo e queremos contar aos outros a respeito dele. Porventura, em nosso íntimo, desejamos deixar para os outros uma lembrança de nós mesmos, a fim de continuarmos a fazer parte da história deles como personagens de um tempo que já se foi. Queremos permanecer na memória daqueles que ainda continuarão a trilhar a vida. O que é viver se não podemos deixar nossos rastros? (MONTEIRO, [s.d], p.01) <sup>40</sup>

Para Monteiro, sempre que houver história, haverá lembranças. A história é a marca de um tempo em que vivemos, se virarmos as costas a esse tempo, estaremos virando as costas para nós mesmos. Ao conversamos com alguém, queremos contar aos outros o que já vivemos, contamos nossas histórias, o que passamos, nossas experiências; com a finalidade de dar movimento à vida.

Mas quem foi a “Vó Joaquina?”, para que esta pesquisa viesse a ser concretizada, foram levantadas várias informações através de pesquisas sobre documentos e principalmente das entrevistas que foram realizadas com seus familiares e amigos, por ela não estar mais viva<sup>41</sup>.

A entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos poucos esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, etc. (ALBERTI, 2005, p.22).

A entrevista representa uma técnica de coleta de dados na qual o pesquisador tem um contato mais direto com a pessoa. Para Dencker (2000) é uma comunicação verbal entre duas ou mais pessoas com seu roteiro já pré-definido, onde se busca obter informações de pesquisa.

Le Goff (1990)<sup>42</sup>, Marcuschi (2001)<sup>43</sup> e Alberti (2005)<sup>44</sup>, em suas obras comentam a questão da oralidade e suas contribuições, sejam elas para a sociedade e também fonte de pesquisa, como vemos no caso das entrevistas.

---

<sup>40</sup> Artigo “A Importância de uma História de Vida”, por Pedro Paulo Monteiro, disponível em <<http://pedropaulomonteiro.com/art3.html>> Acessado em 20 de out. 2013.

<sup>41</sup> A “Vó Joaquina” veio a falecer no ano de 1990 conforme a sua certidão de óbito.

<sup>42</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

<sup>43</sup> MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>44</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

A entrevista de história oral nada mais é do que voltar a atenção para as versões dos entrevistados. No entanto:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho disposto a falar um pouco sobre as suas vidas. (ALBERTI, 2005, p. 29).

Verena Alberti (2005) ainda complementa que, quando se trata da formação de uma história oral, devem-se definir os procedimentos que deverão ser adotados. E acatando a esta observação que ressaltamos vários pontos no momento da entrevista para que as informações fossem devidamente colhidas:

- A pessoa que foi entrevistada possuía o conhecimento necessário sobre a Vó Joaquina, de modo que atendeu as “exigências” das perguntas.
- As perguntas foram previamente elaboradas.
- A data da entrevista foi marcada com antecedência, e a situação de forma discreta.
- A boa relação entre entrevistado e entrevistador foi um fator imprescindível.
- A entrevista foi realizada de uma forma com que o entrevistado não se sentisse falando sozinho.
- O entrevistado foi deixado à vontade, com isso houve mais desenvoltura durante a entrevista.

Todos estes pontos foram cruciais para que houvesse ótimas entrevistas, a fim de que o maior objetivo deste trabalho fosse alcançado. A entrevista foi a principal ferramenta para o desenvolvimento sobre a “Biografia da Vó Joaquina”. Com a elaboração desta pesquisa, tomamos a história oral dos entrevistados como método privilegiado de investigação, pois se trata de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas a “Vó Joaquina”.

E o que mais nos deve interessar numa entrevista, são as partes mais sólidas e menos sólidas sobre a vida do “personagem”. As mais sólidas são aquelas que falam claramente sobre quem foi a personagem “Vó Joaquina”; como a entrevista abaixo retrata:

[...] a Vó Joaquina, mas não era piquininha não (risos), ela era forte, era baixotona né. Você não via, não via uma pessoa doente nela não [...] olha eu nunca vi Dona Joaquina deitada, pra falar a verdade nunca vi [...] num lembro dela ficar deitada [...] toda vez que eu conheci a Dona Joana na luta

[...] nunca vi aquela dona parada [...] sabia servir os outros [...] (informação verbal)<sup>45</sup>

E quando o entrevistado começa a narrar situações que possui uma “leve” ligação com a personagem “Vó Joaninha”, é o que identificamos como as menos sólidas, que ocorreu na entrevista a seguir:

A minha vó Andelina também era partera, ela era partera lá na aldeia, ela veio de lá também, quando a minha vó chegou aqui, partejo muita gente na cidade, mulher de fazendeiro, a vovó Andelina era partera boa também, a Vó Andelina veio pra cá com nós e faleceu aqui, ela era mãe do meu pai, quem cuidava dela era meu pai. (informação verbal)<sup>46</sup>

Como podemos perceber ambas as situações retratam sobre a vida da “Vó Joaninha”, mas enquanto uma narra sobre a sua vida, a outra possui uma ligação com a “Vó Joaninha”. É normal que o entrevistado se sinta a vontade e “sem querer” fuja do tema, mas é necessário o entrevistador sempre manter o foco, e não deixar o assunto se desviar.

Então, passemos ao assunto de fato, “Quem foi a Vó Joaninha?”. Antes de retratarmos sobre a sua vida, é importante destacarmos o fato dela ter sido “índia Terena” da aldeia do Buriti. Mas não encontramos muito a imagem da mulher indígena terena na elite letrada, por isso rebuscaremos a importância da “Vó Joaninha” como mulher indígena terena. São poucos os trabalhos que trazem este tema, e encontramos na dissertação de mestrado de Sandra Cristina de Souza “*Mulheres Terena: história e cotidiano*”, muitas informações que identificamos e comparamos com as narrativas orais dos entrevistados ao falar sobre a Vó Joaninha.

As mulheres Terena sempre foram fortes e resistiram, dando a luz, criando e educando os seus filhos, cuidando de sua família; provendo seu lar da alimentação diária; sempre criaram suas formas e reinventando-se a cada dia. E não foi diferente o que aconteceu na vida da “Vó Joaninha” como podemos observar:

Ela tinha criação de galinha, ela vendia esses ovos, então o sustendo dela era do que ela vendia [...] Ela cuidava dos filhos, dos neto [...] Carioca, o Gordo, depois tinha a Pata, seu pai, as três irmã que também não saia dali [...] e nós convivíamos todos juntos, nossa casa era encostada né, aquela casa ali, o

---

<sup>45</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Adalberto França Dias, 72 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>46</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Felicina Paulo, 83 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 15,6 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

terreno era do meu pai, a cerca era arame, que separava nós do quintal dela, então era uma convivência que a gente tinha, ela fez muita falta [...] (informação verbal)<sup>47</sup>

Muitas vezes, não é refletida a realidade onde homens, mulheres, jovens e crianças e idosos que sobreviveram à custa de duros trabalhos, e todo o desconforto de andar quilômetros para poder ir buscar a água, sob o sol quente e escaldante; no qual a “Vó Joanhinha” vivenciou, dado o trecho de uma entrevista:

[...] e ela trabalhou muito aqui também aqui dentro de Anastácio, e a água aqui era difícil também, e ela ia lava roupa lá na Cachoeira, saía cedo [...] saída pra Campo Grande [...] voltava escurecendo, ela ia ela e o meu irmão Agenor, ele era gurizadinho [...] saíam cedo, levava mandioca assada pra ir comer lá (risos), coisa de rico naquela época era difícil né [...] ela lavava muito roupa de fora né, é [...] os antigo aqui Seu Euricano Saravi, Seu Aucilíno e ela costurava também [...] (informação verbal)<sup>48</sup>

Como “mãe Terena”, a “Vó Joanhinha” fazia de tudo para que seus filhos viessem a ter uma boa educação, mas devido às condições precárias em que viviam, como “filhos Terena” preferiam ir trabalhar ao invés de estudar, ajudando no sustento da casa. Como podemos observar:

A única história que eu lembro (risos), quando ela arrumo pra eu estuda em Dourados, ela recomendo muito minha irmã pra chega naquele dia arruma minha ropa e manda pro, pros meu primo né, pra ver como ela cuidava, essa minha irmã Donata tava [...] tava pra ter criança lá em Piraputanga, e tava no dia dela ter criança, e minha mãe tinha que cuida ela lá né [...] ela recomendo muito pra minha irmã Generosa, manda eu pra escola né [...] aí quando chegava, tava pertinho pra eu ir eu fugi (risos) fugi pra fazenda, fui trabaia com seu Nestor Pacheco [...] aí eu fiquei 1 mês sem dá notícia, eu acho que tava com [...] uns 12 anos, ou 11 anos, uma coisa assim [...] e quando ela chego pergunto de mim né, “Ele fugiu, parece que ele tá trabaia numa fazenda aí”, aí quando [...] quase 1 mês aí [...] aí descobriram onde é que eu tava, aí trabaiei esse tempo lá até uns vinte e poucos anos com ele [...] e eu não quis estuda porque, nós era de uma família muito pobre né, e eu ficava com dó dela [...] ela que mantinha a casa [...] (informação verbal)<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Creide de Campos Delgado, 48 anos. Entrevista II. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 7,8 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>48</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por João Patrocínio, 75 anos. Entrevista VI. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 20,4 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>49</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por João Patrocínio, 75 anos. Entrevista VI. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 20,4 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.



Além da “Vó Joaquina”, com seu trabalho dentro de casa como mãe; fora da aldeia como lavadeira, cozinheira; ela muito ativa na participação da igreja. Conforme relato:

A Vó Joaquina foi uma senhora, que [...] quando eu conheci Dona Joaquina eu era jovem, ela já era uma senhora idosa, ativa na igreja, mulher trabalhadeira, ela trabalhou de cozinheira pro Instituto Bíblico [...] na Água Azul por vários anos, ajudando no Instituto, era uma senhora que sabia trata as pessoas [...] na vida cristã Dona Joana era uma senhora cristã e fiel [...] desde que eu conheci ela, ela já era assim, fiel e trabalhadeira [...] nunca vi Dona Joaquina parada, lavava roupa, cozinhava, cuida da casa dela, sempre que eu conheci a Dona Joaquina era assim [...] (informação verbal)<sup>50</sup>

Mas um de seus trabalhos ganhou destaque durante a trajetória de sua vida. As mulheres Terena tinham seus filhos em casa com parteiras, e essas parteiras tinham um lugar de destaque nas aldeias, pois eram elas que tinham o conhecimento das técnicas obstetrícias e dos cuidados necessários que deveriam ser tomados com as gestantes. E como parteira, “Vó Joaquina” “foi uma parteira muito boa, boa mesmo” (informação verbal)<sup>51</sup>.

Ao longo do tempo, o parto sempre esteve presente na história da humanidade, e especialmente, da mulher, que era assistido por outras mulheres, nomeadas como “parteiras”. Representando um papel muito importante na história, tal que sua função é tão antiga como a própria humanidade.

A imagem da parteira é citada, inclusive na Bíblia, em Êxodo 1:15-22:

15. O rei do Egito ordenou às parteiras dos hebreus, que se chamavam Sifrá e Puá: 16. “Quando Vocês ajudarem as hebreias a dar à luz, verifiquem se é menino. Se for, matem-no; se for menina, deixem-na viver”. 17. Todavia, as parteiras temeram a Deus e não obedeceram às ordens do rei do Egito; deixaram viver os meninos. 18. Então o rei do Egito convocou as parteiras e lhes perguntou: “Por que vocês fizeram isso? Por que deixaram viver os meninos?” 19. Responderam as parteiras do faraó: “As mulheres hebreias não são como as egípcias. São cheias de vigor e dão à luz antes de chegarem as parteiras”. 20. Deus foi bondoso com as parteiras; e o povo ia se tornando cada vez mais numeroso, cada vez mais forte. 21. Visto que as parteiras temeram a Deus, ele concedeu-lhes que tivessem suas próprias famílias. 22. Por isso o faraó ordenou a todo o seu povo: “Lancem ao Nilo todo o menino recém-nascido, mas deixem viver as meninas”. (BÍBLIA ONLINE, Nova Versão Internacional)<sup>52</sup>

<sup>50</sup> Entrevista em *ispis litteris* concedida por Adalberto França Dias, 72 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>51</sup> Entrevista em *ispis litteris* concedida por Feliciana Paulo, 83 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 15,6 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>52</sup> Disponível em <<http://www.biblionline.com.br/nvi/ex/1>> Acesso em 20 de out. 2013.

Esta história da Bíblia antecede o nascimento de Moisés e demonstra que as parteiras tinham a vida em suas mãos. Mas nestes versículos vemos que as parteiras foram corajosas ao contrariar a ordem do rei deixando viver os meninos. E a partir disto Deus as abençoou para que pudessem ter a sua família e estabelecendo uma descendência de mulheres com esta vocação; “[...] os conhecimentos passavam de mãe para filha, de geração em geração”. (MURARO 1992, p. 109).

O mesmo ocorreu com a “Vó Joanhina” e sua filha:

A Rute que ajudava ela [...] a Rute também já tava atendendo bem, quando minha mãe ia ficando véia, ela que atendia, ela ia junto né, atendia né, ela foi ficando fraca pra segura a criança, então a Rute que [...] e ela pegou prática né, e ela pegou rápido [...] (informação verbal)<sup>53</sup>

Del Priori (2002, p. 81) enfatiza que “esse saber informal, transmitido de mãe par filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas”. Tal que após a morte da “Vó Joanhina”, sua filha Rute continuou a dar continuidade ao trabalho que sua mãe a ensinara ao longo dos anos: “[...] ela fazia parto e a Rute acompanhava, a filha dela [...] Mas com isso a Rute aprendeu né, que acompanhou né [...]”(informação verbal)<sup>54</sup>. “Ela já tinha falecido, foi a Rutinha filha dela que foi a minha parteira [...] (informação verbal)<sup>55</sup>

O conhecimento das plantas medicinais, as técnicas para realizar o parto da melhor maneira possível e o cuidado que deveria ter com o bebê, eram as parteiras que possuíam:

[...] aí no começo assim do parto ela dava um banho na gente de folha de guavira, pra apertar a dor ela falava, fazia dava um banho da cintura pra baixo, pra dor vir mais rápido pra nascer rapidão o bebê [...] é isso que ela [...] sempre atendia bem a gente né [...] ela cuidava um bom tempinho, uns 30 dias ela cuidava do umbiguinho né, umbigo do bebê tudo, ela ficava uns quase 30 dias assim cuidando, ajudando [...] até na hora assim que o primeiro filho que a gente não sabe como que vai amamentar né, ela ensinava como que tinha que amamentar o bebê, vixi nossa ela era uma

---

<sup>53</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por João Patrocínio, 75 anos. Entrevista VI. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 20,4 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>54</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Adalberto França Dias, 72 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>55</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Ruth silva França, 72 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

benção pra gente né, nossa a vovó Joaquina nossa uma grande parteira viu? Ajudava bastante a gente [...] (informação verbal)<sup>56</sup>.

[...] uma vez que eu assisti ela fazer o parto da minha irmã Jacinta, ela fez o parto cortou o umbigo do nenê, aí deixou o nenê ali na cama, aí de repente a minha irmã teve sangramento, hemorragia, aí ela falou pra minha cunhada “Vai lá no André”, tem um saquinho lá que tá pendurado, fala pro André prepara o remédio e traze aqui pra mim rápido”, aí o André fez aquele chá correu e deu pra ela toma, minha irmã tomo, e num pouco estanco a hemorragia, ela sabia mesmo remédio casero [...] (informação verbal)<sup>57</sup>

Existe uma preferência das mulheres Terena pelo parto em casa, como diz Leida: “Olha antigamente [...] várias, é muitas vezes a gente não procurava médico no hospital, sabe? Sei lá eu achava [...] mais cuidado parece assim com ela, sabe? Me sentia melhor assim, mais segura.” (informação verbal)<sup>58</sup>

“Vó Joaquina” ganhava pouco ou quase nada pelo que fazia, pois ela gostava muito de sua profissão como parteira e estava sempre disposta para atender as mulheres. Chamilco (2001, p. 06) acrescenta que:

Sua recompensa não está no salário, uma vez que ganham pouco ou quase nada pelo que fazem, mas sim no reconhecimento da comunidade. Dependendo das condições econômicas da mulher assistida, a própria usuária atribui um valor, que pode ser pago em moeda corrente, favores, objeto, agrados, gratificações, entre outros.

Esta justificativa comprova-se por meio da entrevista de Leida:

[...] ela não cobrava nada assim sabe, ela ia por espontânea vontade, ela [...] ajudava, ela gostava do que ela fazia, ela não cobrava não, mas a gente que dava alguma gratificaçõzinha alguma coisinha pra ela né, pra ajuda [...] um presentinho, mas ela não gostava muito de a gente fala que tava pagando não, ela não gostava não [...] a gente presenteava ela com alguma coisinha assim, mas fala que tava pagando ela não gostava não. (informação verbal)<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Leida Campos Delgado, 49 anos. Entrevista I. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 6,9 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>57</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Feliciana Paulo, 83 anos. Entrevista IV. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 15,6 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>58</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Leida Campos Delgado, 49 anos. Entrevista I. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 6,9 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

<sup>59</sup> Entrevista em *ispisis litteris* concedida por Leida Campos Delgado, 49 anos. Entrevista I. [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 6,9 MB.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.



Mas foi através dos relatos sobre a “Vó Joaninha”, seu trabalho, seu cotidiano, sua simplicidade, que podemos perceber a força da “mulher terena”, o poder de sua sobrevivência e reinvenção das formas de ser “índia terena”.

Segundo Borges em sua tese, citado por Marc Bloch (1997, p. 24-25): “ Um homem não está verdadeiramente morto senão quando o último homem que o conheceu está também morto”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento, sem dúvida, representou-se como o elemento norteador do trabalho, ao nos debruçarmos rumo à busca de uma resposta. Foram relevados vários pontos – memória, oralidade, escrita, entre outros – dos quais nos permitiriam conseguirmos alcançar o nosso objetivo. Para que a pesquisa viesse a ser desenvolvida o “contar” foi necessário, mas “mostrar” também exerceu um ponto muito importante.

A Biografia apresentada neste trabalho, tece a história de uma vida, uma vida que ajudava a trazer vidas para o mundo. Segundo Borges em sua tese, citado por Marc Bloch (1997, p. 24-25): “Um homem não está verdadeiramente morto senão quando o último homem que o conheceu está também morto”. Os homens envelhecem, morrem ou esquecem detalhes das histórias, mas deixam sua experiência pelas vozes que não silenciam. Em cada história há vozes que silenciaram no tempo, mas que tornaram vivas durante as entrevistas.

Passar a emoção para um papel é tomar para si uma responsabilidade, pois não é apenas transcrever os principais acontecimentos de uma vida, é passar todo um sentimento de querer saber mais sobre o biografado, é fazer com que o leitor perceba o porquê escolhemos a “Vó Joaquina” como “protagonista”. “Por vezes, uma história desconhecida nos aborrece, ao passo que, noutras, prestaremos a máxima atenção ao ouvir a mesma história tantas vezes repetida. O desejo de repetições frequentes [...] indica que a história é importante para nós” (HELLER, 1993, p.72).

Das histórias contadas sobre a “Vó Joaquina” ficam as imagens tecidas – mãe, parteira, lavadeira, costureira, cozinheira, e índia Terena – a arte de várias faces, o dom de se reinventar em meio às lutas. A esperteza de um *Hovôvo*<sup>63</sup>, que ali no meio garganta do *Kóhó Yoko*<sup>64</sup>, praticamente totalmente engolido cria uma estratégia estufando-se e consegue ser jogado para fora – um mito que se encaixa nos moldes do povo Terena – e estar sempre pronto a construir uma nova história.

---

<sup>63</sup> Palavra em Terena, que significa “sapo” em português.

<sup>64</sup> Palavra em Terena, que significa “tuiuíú” em português.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- AZANHA, G. **As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**, Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, jul. 2006.
- . **Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Cachoeirinha**. Diário Oficial da União. Brasília. 14 de nov, 2000.
- . **Sustentabilidade nas sociedades indígenas brasileiras**. In: TELLUS – Núcleo de Estudo e Pesquisa das Populações – NEPPI, ano 5, n.8/9,ab/out, 2005. Campo Grande: UCDB, 2005.
- BARTHES, Roland. [et.al.]. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In: **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BITTENCOURT, C.M.; LADEIRA, M. E. **A história do povo terena**. Brasília: MEC, 2000.
- BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHI., Marion (Org.) **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- CABRAL, João Francisco P. C. **O diálogo como forma escrita e a Dialética em Platão**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/filosofia/o-dialogo-como-forma-escrita-dialetica-platao.htm>>. Acesso em: 13 de ago. 2013.
- CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, Ago. 1999. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf)>. Acessado em: 09 de abr. 2013.
- CARVALHO, Edgar de Assis. **As Alternativa dos Vencidos**. São Paulo: Paz e Terra, Col. Estudos Brasileiros, vol.33. 1979.
- CHAMILCO, R. **Práticas obstétricas adotadas pelas parteiras tradicionais na assistência ao parto e nascimento domiciliar na Amazônia Legal Santana**, (Dissertação de Mestrado). AP. Rio de Janeiro, 2001

- DENCKER, A, F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de: The society of individuals. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- GODOY, Roberto. **A memória humana e a escrita**: entrevista concedida ao Dr. Drauzio Varella. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/corpo-humano/memoria/>>. Acesso em: 14 de ago. 2013.
- GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da Alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LAING, Ronald D. **Identidade Complementar**. In: **O Eu e os Outros- O Relacionamento Interpessoal**. Petrópolis: Vozes. 1986.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVI STRAUSS, Claude. **Raça e História**. 6.ed. Lisboa: Presença, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MONTEIRO, Pedro P. **A importância de uma história de vida**. Disponível em <<http://pedropaulomonteiro.com/art3.html>> Acessado em: 20 de out. 2013.
- MOTTA, Lourenço Dantas. **Quando vamos pescar uma coisa nesse fundo que é a memória, o anzol já volta molhado do presente**. O Estado de S. Paulo, 15 de fev. 1981, Suplemento Cultural, p.8, 9 e 10.
- MURARO, R. M. **A mulher do terceiro milênio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.
- NAVA, Pedro. **De mãos dadas com a entrevista**. OPSIS. Catalão, v. 11, n.2, p. 167-180, jul-dez 2011. Texto cedido a José Anderson F. Sandes.



———. **Baú de Ossos**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Disponível em <<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13178.pdf>>

NINCAO, O. S. KOHO YOKO HAVOVO. **O Tuiuiú e o Sapo: biletamento, identidade e política lingüística na formação continuada de professores Terena**. Tese de Doutorado. 2008. Unicamp, Campinas.

OLIVEIRA, Jorge E. de; PEREIRA, Levi M. **Terra indígena Buriti. Perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na Serra de Maracajú, Mato Grosso do Sul**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

PLATÃO, **Fedro (ou da Beleza)**, 6ª ed., trad. de Pinharanda Gomes, Lisboa Guimarães Editores, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: Ética e narrativa biográfica. **Conferência pronunciada no XXV Simpósio Nacional de História – “História e Ética”**. Fortaleza, 2009.

SOUZA, S. C. **Aldeinha: Mas onde mesmo é a aldeia? Organização Social e Territorialidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). 2009. PUC-SP. São Paulo.

STRAUSS, Claude Levi. **Raça e História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

———. **Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Disponível em <[www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)>. Acesso em 09 de out. 2013

Disponível em:< [http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe\\_dsei.asp?strcddsei=20](http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?strcddsei=20)> Acesso em 09 de out. 2013

Disponível em <<http://www.bibliaonline.com.br/nvi/ex/1>> Acesso em 20 de out. 2013.

Disponível em < <http://mapas.guiamais.com.br/guia/anastacio-ms>> Acesso em 20 de out. 2013.

Disponível em <<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/entrevista.htm>> Acesso em 02 de set. 2013.

## ANEXOS

ANEXO A – Transcrição das entrevistas realizadas:<sup>65</sup>

Entrevista I: Leida Campos Delgado<sup>66</sup>

**Entrevistador:** Quem foi a Vó Joaquina?

**Leida:** A Vó Joaquina foi uma grande parteira da vila, ela fez parto de dois filho né, o primeiro e do segundo [...] aí também ela fez parto dos meu sobrinho [...] de um né que é da minha irmã gêmeas [...] uma grande parteira ela, atendia bem, era bem atenciosa assim com a gente né, aí ela era bem dedicada também a Deus, ela na hora de fazer o parto assim tudo, ela pedia pra Deus orientação né, aí no começo assim do parto ela dava um banho na gente de folha de guavira, pra apertar a dor ela falava, fazia dava um banho da cintura pra baixo, pra dor vir mais rápido pra nascer rapidão o bebê [...] é isso que ela [...] sempre atendia bem a gente né [...]

**Entrevistador:** Quando o bebê nascia ela ficava cuidando do bebê por mais alguns dias?

**Leida:** É ela cuidava um bom tempinho, uns 30 dias ela cuidava do umbiguinho né, umbigo do bebê tudo, ela ficava uns quase 30 dias assim cuidando, ajudando [...] até na hora assim que o primeiro filho que a gente não sabe como que vai amamentar né, ela ensinava como que tinha que amamentar o bebê, vixi nossa ela era uma benção pra gente né, nossa a vovó Joaquina nossa uma grande parteira viu? Ajudava bastante a gente [...]

**Entrevistador:** Ela tinha quantos anos maios ou menos quando ela fez o parto do Vicinho?

**Leida:** Aaaa [...] cinquenta e pouco uns quase sessenta anos eu acho [...] porque ela era [...] bem jeito de ser velhinha, mas nunca sabia assim a certa a idade dela né (risos), nossa era uma excelente pessoa ela.

**Entrevistador:** Ela era bem trabalhadeira?

---

<sup>65</sup> As entrevistas em *ispis litteris* foram realizadas no mês de setembro na Aldeinha em Anastácio, Mato Grosso do Sul.

<sup>66</sup> Entrevista I: Leida Campos Delgado – 49 anos (dona de casa). Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 6,9 MB.).

**Leida:** Nossa ahan [...] vixi ela era uma grande mulher, era trabalhadeira [...] cuidava bem a casa dela, todos que chamavam ela assim o horário que fosse ela ia atender, madrugada, o horário que fosse ela não tinha preguiça não [...] de atender as pessoas.

**Entrevistador:** Quem que ajudava ela na hora do parto?

**Leida:** Só ela mesmo hein! [...] só ela mesmo que [...] e ela gostava de só dela mesmo assim de atender as pessoas né [...] aí ela tirava tudinho, tudo certinho como tinha que ser [...] ela atendeu bem .

**Entrevistador:** Fora ela ser parteira sabe o que mais ela fazia?

**Leida:** Não [...] ela só era parteira mesmo ela.

**Entrevistador:** Não lembra dela trabalhar com outras coisas não?

**Leida:** Não, eu não lembro não se ela tinha outra coisas se ela fazia assim [...] mas ela era parteira, ela não cobrava nada assim sabe, ela ia por espontânea vontade, ela [...] ajudava, ela gostava do que ela fazia, ela não cobrava não, mas a gente que dava alguma gratificaçõzinha alguma coisinha pra ela né, pra ajuda [...] um presentinho, mas ela não gostava muito de a gente fala que tava pagando não, ela não gostava não [...] a gente presenteava ela com alguma coisinha assim, mas fala que tava pagando ela não gostava não.

**Entrevistador:** Mas por que a senhora preferiu ter um filho em casa do que no hospital?

**Leida:** Olha antigamente [...] várias, é muitas vezes a gente não procurava médico no hospital, sabe? Sei lá eu achava [...] mais cuidado parece assim com ela, sabe? Me sentia melhor assim, mais segura.

**Entrevistador:** Mas tinha hospital na cidade?

**Leida:** Tinha, ahan, tinha hospital.

**Entrevistador:** Mas era melhor com ela [...]

**Leida:** É [...] eu achava que era mais cuidado sei lá [...] a gente queria mesmo né, ir com ela, então foi isso ela, pra gente ela foi muito especial.

**Entrevistador:** Você lembra quando ela faleceu?

**Leida:** Não lembro não [...] ela ficou doentinha , ela era velhinha né.

**Entrevistador:** Ela era conhecida por toda a comunidade?

**Leida:** É, bem conhecida por toda a comunidade é [...] todos que [...] preferiam ganhavam com ela.

**Entrevistador:** A senhora não sabe com quem ela aprendeu?

**Leida:** Não sei

**Entrevistador:** Sabe de onde ela veio?

**Leida:** Não sei daonde ela veio.

**Entrevistador:** Talvez o Vicinho deve ser um dos últimos [...]

**Leida:** É foi o último mesmo [...] até que ela pediu a ajuda da Dalila, ela era enfermeira aí ela tava sem força já nos bracinho dela já né, aí ela pediu ajuda da Dalila pra corta o umbiguinho [...] que ela não tava bem assim com força mais, aí a Dalila que ajudou ainda ela a partia o Vicinho [...]

**Entrevistador:** Você teve bastante convivência ou pouca convivência?

**Leida:** Bastante né, porque ela morava lá na casa da minha mãe né, ela morava lá [...] ela gostava muito de criança [...] ficava só lá, a tardezinha a gente ia pra casa dela.

**Entrevistador:** Foi difícil lembrar?

**Leida:** Não, eu não esqueço mais do que ela fez não [...] uma vez olha, ela falava assim: “Filha quando o bebê não quer o peito, quando não quer amamentar é porque ele não tá bem, ele tá mal”, aí o Vicinho teve um problema na hora de cortar o umbilical dele [...] aí a ajudante dela deixou escapar três vezes a tesoura, aí meio que inflamo, aí uma tarde eu cheguei na mãe chorando falando que o Vicinho não queria pegar o peito, que ele tava mal, aí ela pegou ele assim e tava mal mesmo, o umbigo tava infeccionado, aí ela pego massagio o umbiguinho dele, aí ela ergueu ele pra cima e orou pediu pra Deus né que curasse o umbiguinho dele, aí daqui a pouquinho quando ela terminou de orar assim, começou a mamar, ahan, nossa eu chorei de alegria, ela também, é [...] ela era uma benção.

**Entrevistador:** Os equipamentos eram todos dela?

**Leida:** Era tudo dela, ela deixava no álcool, deixava preparado já que quando alguém chamasse ela, tava tudo limpinho já [...] esterilizava [...] então, era bem atenciosa mesmo [...] era bem atenciosa com a gente, foi isso mesmo.

Entrevista II: Creide de Campos Leite Delgado<sup>67</sup>

**Entrevistador:** Quem foi a Vó Joaninha?

**Creide:** Eu lembro dela, ela era um pouco brava com nós, que nós era criança em torno de uns dez anos, quando ela ia tirar cesto depois do almoço, a gente ia no quintal dela pegar as fruta dela, aí ela acordava atropelava nós, pegava tirava o chicotinho já, ela atropelava e era

---

<sup>67</sup> Entrevista II: Creide de Campos Leite Delgado – 48 anos (confeiteira). Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 7,8 MB.).

umas dez criança que ia, então ela assim ó, ela deixava a gente, era pra nós pega, mas a gente queria pegar tudo até as verde né, aí ela falava pra nós: “Não pode arrancar as verde”, por isso que ela atropelava, porque a gente já tinha arrancado as madura e a gente tava lá né pegando, tinha laranja, jabuticaba, manga né e assim era uma senhora assim né de [...] bom humor né assim ela era brava porque tinha que cuidar das fruta, as fruta dela né, gostava muito de tê-la a gente né [...] era exemplo pra gente, ela ia direto na igreja, todo domingo escola dominical, saia a noite também né, ela era uma senhora assim né de [...] transmitir amor também pra gente, e se preocupava se alguém tava gripado, fazia tinha remedinho caseiro, chá caseiro, então ela tinha tanto chazinho que ela tinha e [...] eu lembro dela que eu tinha reumatismo no dedo né, eu era pequena ainda né, eu sei que ela fez uma pasta preta, eu sei que meu dedo ficou preto, meu pé ficou preto, minha unha, demorou pra sair, mas da mesma forma que ela arrumou o remédio, ela arrumou também meu pé, então ela se preocupava muito com a gente, não pode ficar gripado perto dela, ela já falava tem um chazinho, elas mesmo ia pegar, então fazia o chazinho pra nós, então essa é uma das lembranças [...] quando ela ficou doente , ela ficou de cama, a gente achava muita falta dela, corria atrás da gente, a gente gostava de ir lá também pra, ela fazia lanche que ela, ela assim [...] a Amarilda, a Ina, a Carol, era os neto que morava com ela, então eu morava bem do ladinho, então quando eu ia lanchar lá, ela chamava nós né, nós éramos cinco ali, mas quem ia mesmo era somente os menor, eu, a Guta e meu irmão [...] aí a Chula e o Pedito já eram maiorzinho, que a gente lembra assim ela era um pessoa muito boa preocupada, com os outros netos né, levava chazinho né, história que eu lembro dela.

**Entrevistador:** Fora ela ser parteira o que mais ela fazia?

**Creide:** Ela tinha criação de galinha, ela vendia esses ovos, então o sustendo dela era do que ela vendia, e então ela era uma pessoa, que além de fazer o parto, de ajudar as mulher grávida que precisava que não ia ter os filhos dela no hospital, ela só dessa forma dava pra mostrar que ela era uma pessoa de coração bom.

**Entrevistador:** E quando ela faleceu?

**Creide:** Eu lembro quando ela faleceu é, nós íamos visitar a cidade né, aí eu o Israel a Carina, a Denise né, fomos na frente né, porque o Israel era presidente da mocidade, então a gente foi na frente, quando a gente chegou lá ela tava acabando de morrer assim nos braços da Tia Rute, então essa é uma das cenas que eu nunca esqueci, dessa história de morrer assim calma né, quando a gente chegou [...]

**Entrevistador:** Quem é a Tia Rute?

**Creide:** A Tia Rute Patrocínio, esposa do Tio Cícero, ela já é falecida, a Tia Rute era uma das filhas que mais ficou direto ali cuidando dela [...] então essa é uma cena que a gente lembra, que eu lembro, que eu vi ela morrendo, quando eu tava acabando de chega ali na sala.

**Entrevistador:** Ela morreu em casa?

**Creide:** Ela morreu em casa, naquela casinha ali mesmo, depois foi no hospital só pra ver o que tinha acontecido [...] a gente achou muito falta dela, porque depois dela foi acabando, foram cortando as frutas, meu Tio foi vendendo os terrenos, tanto que ele ficou só com aquele pedacinho, era tudo aquelas casa que tem ali, tudo ali era quintal, quintal grande, tinha de tudo, goiaba, laranja, manga, jaboticaba [...] então que eu lembro dela é isso.

**Entrevistador:** Ela cuidava dos filhos?

**Creide:** Ela cuidava dos filhos, dos neto [...] Carioca, o Gordo, depois tinha a Pata, seu pai, as três irmã que também não saía dali [...] e nós convivíamos todos juntos, nossa casa era encostada né, aquela casa ali, o terreno era do meu pai, a cerca era arame, que separava nós do quintal dela, então era uma convivência que a gente tinha, ela fez muita falta [...]

**Entrevistador:** Como parteira a senhora não chegou a ver nada dela?

**Creide:** Eu lembro que muitas mulheres, os pais, marido das mulheres vinham tarde da noite acordar ela, ela não tinha preguiça e nunca ficava brava, ela ia de bom humor às vezes ela passava a noite [...] eu lembro assim, que ela esquentava a bacia pra dar banho na mulher e as crianças não podiam entrar no quarto, ela não gostava, era só ela e pegava a mãe da menina que tava tendo o bebê pra ajuda ela, mas assim de vê eu via só os comentários, eu era muito criança e não deixava a gente entrar [...] quando eu cheguei pra ver do Vicinho eu tava na escola, quando eu cheguei o Vicinho já tinha nascido, mas eu sei que ela tava com a Chula desde de manhã, uma coisa assim [...] e a Chula teve o bebê no quarto lá na casa da minha mãe mesmo, do lado da casa dela, a Chula teve o Vicinho [...] assim essa é a minha lembrança boa da Vó Joaquina.

Entrevista III: Felicina Paulo<sup>68</sup>

**Entrevistador:** Quem foi a Vó Joaquina?

---

<sup>68</sup> Entrevista III: Felicina Paulo – 83 anos (aposentada). Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 15,6 MB.).

**Felicina:** Quem que foi ela? Ela era prima do meu pai a Vó Joantina.

**Entrevistador:** O que ela fazia?

**Felicina:** Eu conhecia a Tia Joantina já como parteira [...] quando ela chegou aqui partejo essas mulher aí [...] quando eu casei e tive o primeiro filho ela que foi a minha parteira, ela veio de Buriti também, ela veio de lá, moro aqui com nós, ela que partejo toda a minha filharada, ela foi avó dos meus filhos né, ela era uma parteira muito boa, quando eu tive a Deyse e a Denise, ela veio né, pra parteja o nenê, e nasceu a Deyse ela falou assim pra mim: “Fia você vai ter mais um poquinho de paciência, porque você vai ter dois filho”, Tia num pode eu num tô sentindo nada na minha barriga, “É dois minha fia, uma já nasceu, falta o outro”, aí demoro mais uns quinze, vinte minutos mais ou menos, aí senti aquele soco na minha barriga [...] a Tia é verdade tá aqui, “Minha filha só que você vai ter que procurar um médico”, porque ela tava em cima, aí a Dalete, ela correu lá num lugar lá, onde tinha um senhor que ela conhecia que tinha telefone ali né, aí ela ligou pro patrão do meu marido que era médico, aí a mulher que atendeu falou que: “O Doutor Carlo não tá aqui ele tá na fazenda, e agora?”, porque minha mãe vai ter nenê e é dois que ela vai ganha, “A mais pera aí que ele tá chegando”, aí ela falou com o Dr, e ele veio pra cá, veio ligero do jeito que ele chegou da fazenda, tava lidando com gado, ele chegou aqui veio olhando pra Tia, “Você que é a parteira? Como você sabe que está atravessado o neném?”, “Porque examinei ela”, que parteira boa que nós tinha (risos) ela foi uma parteira muito boa, boa mesmo, eles ficaram muito tempo aqui e foram embora pra Piraputanga, meu tio compro umas terra lá e foram embora mora pra lá [...] comprou uma chácara lá e foi pra lá, ela sempre vinha aqui e depois que o marido dela faleceu, ela ficou viúva né e veio pra cá com a filharada pra perto de nós né [...] com o tempo ela ficou doente, teve pontada de pneumonia, ficou tratando, tratando, não deu volta aí ela faleceu.

**Entrevistador:** Por que você preferiu ter o filho em casa do que no hospital?

**Felicina:** Porque aquele tempo à gente não tinha muita ligação com o hospital, era difícil ter que procurar médico, não tinha muito médico, e ela era uma boa parteira né, porque lá no Buriti o trabalho dela era esse.

**Entrevistador:** E depois quando ela fazia o parto ela dava alguma coisa para vocês tomarem? O que ela fazia durante o parto?

**Felicina:** Ela na dava remédio não, só uma vez que eu assisti ela fazer o parto da minha irmã Jacinta, ela fez o parto cortou o umbigo do nenê, aí deixou o nenê ali na cama, aí de repente a minha irmã teve sangramento, hemorragia, aí ela falou pra minha cunhada “Vai lá no André”,

tem um saquinho lá que tá pendurado, fala pro André prepara o remédio e traz aqui pra mim rápido”, aí o André fez aquele chá correu e deu pra ela toma, minha irmã tomo, e num pouco estanco a hemorragia, ela sabia mesmo remédio casero, ela era dirigida mesmo por Deus, Deus deu sabedoria pra ela, como ela agir com as pessoas que tinha nenê, agora comigo nunca aconteceu nada, graças a Deus, tive a Dalete, a Dalila, Deusdeth, Josias, Dores, a Deyse, a Denise, só o Emílio que ela não cortou o umbigo do Emílio[...] a Denise foi no médico, tive que ir pro hospital.

**Entrevistador:** Ela tinha ajudante?

**Felicina:** Ela fazia sozinha, só ela, minha mãe que acompanhava ela, sempre minha mãe tava com ela, mas minha mãe não era parteira não, só ficava ali ajudando, passando material pra ela.

**Entrevistador:** Sabe quantos partos maios ou menos ela fez?

**Felicina:** Aqui ela fez muito parto, das minha tia ali né, tudo elas, todo mundo chamava ela, quando eu tava grávida do Josias, tava sentindo umas dores assim, aí minha mãe falou: “Vou chamar sua tia pra ver o que é que ta acontecendo”, ela veio, aí ela olhou assim e falou: “A cotovelo do nenê tá enfiado aqui na sua costela”, aí ela arrumo, por isso que eu falo que a minha Tia foi uma parteira muito boa, ela era dirigida mesmo por Deus, pra fazer tudo aquilo.

**Entrevistador:** Depois que o bebê nascia ela vinha aqui ajudar? Fazer alguma coisa?

**Felicina:** Primeiro dia, ela vinha dar banho, não deixava ninguém dar banho, ela que cuidava do umbigo, fazia curativo no umbigo, ela pegava o remédio e colocava bem assim em volta na beira do umbigo do nenê, aí no outro dia, ela pegava o fumo, torrava bem o fumo, até deixar bem fininho, aquele pózinho de fumo, aí punha no umbigo do nenê assim, aí punha o óleo, coloca um pedacinho do algodão assim e amarrava com a umbiguera, ela cuidava até cair o umbigo, depois caia o umbigo, “Ta bom minha fia, agora você que vai cura” (risos).

**Entrevistador:** A senhora sabe com quem que ela aprendeu?

**Felicina:** A minha vó Andelina também era partera, ela era partera lá na aldeia, ela veio de lá também, quando a minha vó chegou aqui, partejo muita gente na cidade, mulher de fazendeiro, a vovó Andelina era partera boa também, a Vó Andelina veio pra cá com nós e faleceu aqui, ela era mãe do meu pai, quem cuidava dela era meu pai.

**Entrevistador:** E ela como dona de casa, o que ela fazia?

**Felicina:** Ela cuidava da casa dela, não era de trabalhar nas casa né, ela ficava na casa dela cozinhando, que ela tinha os filhos dela João, Noel a Rute que foi mulher do pastor Cícero,



essas menina nova né, aí ela ficava cuidando das criança né, é assim né, ela [...] não era de trabalha assim pro outro não, mas agora o sustendo dela eu não sei não [...]

**Entrevistador:** Ela recebia alguma coisa por fazer o parto?

**Felicina:** Não, ela gostava, a gente ajudava assim ela, quando ela ia embora, dava um pouco de arroz, feijão, açúcar pra ela né, óleo né, a Vó Joaninha nós não esquecia dela, o meu marido quando recebia algum dinheiro, dava pra ela, aqui pra compra pão Vó, era assim né, é foi muito boa a Vovó [...] porque minha mãe quando chegamo aqui, pego roupa de mulher fazendeiro pra lavar pra ganhar, mas ela não, ela não, por causa que também ela fazia parto dessas mulher branca aí né, de certo ganhava também [...] eles era muito bem quando tava no Buriti, meu tio marido dela, tinha um gado especial, meu cunhado tinha gado bonito, bonito mesmo, morava em Buriti né, um campo muito bom , ele tinha muito gado [...] e sabe, e a gente não sabe, o tio vendeu né, é talvez com aquele dinheiro tava vivendo com aquilo né, tem, tinha muito gado né, porque que aceitaram o Noel lá? Lá em Buriti? Porque ele era de lá, nasceu lá, é daí quando eles vieram pra cá já tava tudo piqueno assim [...]

**Entrevistador:** Tem uma rua que tem o nome dela não é?

**Felicina:** É, lá em baixo ali [...] foi quando no mandado do prefeito Olarico né, mas não sei que ano que foi, ele colocou lá e colocou essa rua Índio Neco também foi o Olarico né [...] eles era muito ligado com a igreja né, esse Olarico, ahan, ele vinha sempre na igreja, ele era filho de um diácono da nossa igreja, é ancião da igreja, seu Garibaldi Medeiro, Olarico Medeiro, né .

**Entrevistador:** Ele colocou o nome quando ela faleceu?

**Felicina:** Ahan, quando ela faleceu, quando ela faleceu.

**Entrevistador:** Mas ele chegou a conhecer ela na igreja?

**Felicina:** É conheceu, quando ele assistia na igreja, era um rapaz novo né, a posição dele foi eleito como prefeito tinha idade de uns quarenta ano.

**Entrevistador:** Quando eles se conheceram então, ele ainda não era prefeito?

**Felicina:** Não, não era não, era rapaz novo né na igreja, ahan [...]

**Entrevistador:** A senhora sabe com quantos anos ela morreu?

**Felicina:** Ela divia ter uns oitenta ano [...] é mais ou menos

**Entrevistador:** Foi difícil lembrar da Vó Joaninha?

**Felicina:** Algumas coisas não lembro, eu sei aquilo que eu lembro né [...]

**Entrevistador:** Quem foi a Vó Joaquina?

**Adalberto:** A Vó Joaquina foi uma senhora, que [...] quando eu conheci Dona Joaquina eu era jovem, ela já era uma senhora idosa, ativa na igreja, mulher trabalhadeira, ela trabalhou de cozinheira pro Instituto Bíblico [...] na Água Azul por vários anos, ajudando no Instituto, era uma senhora que sabia trata as pessoas [...] na vida cristã Dona Joana era uma senhora cristã e fiel [...] desde que eu conheci ela, ela já era assim, fiel e trabalhadeira [...] nunca vi Dona Joaquina parada, lavava roupa, cozinhava, cuida da casa dela, sempre que eu conheci a Dona Joaquina era assim [...] o esposo dela era ancião da igreja, o André [...]

**Entrevistador:** E pra senhora quem foi a Vó Joaquina?

**Ruth:** Isso que ele falou mesmo (risos) uma senhora muito preocupada com a gente, tudo isso que ele falou, que ela viveu no meio de nós (risos).

**Adalberto:** Nunca vi Dona Joaquina de cara feia, sempre risonha (risos), sempre risonha.

**Entrevistador:** Ela tinha algum serviço fora?

**Adalberto:** Pois é, ela lavava roupa né, lavava roupa [...]

**Entrevistador:** Ela era parteira também?

**Adalberto:** Parteira ela cuidava [...] por exemplo aqui todas as senhoras que ganho nenê, ela que cuidava.

**Entrevistador:** Ela fez seus partos?

**Ruth:** Ahan, dos quatro, ahan, quando ela [...] ela já tinha falecido né quando o Amilton nasceu?

**Adalberto:** É tinha falecido [...]

**Ruth:** Ela já tinha falecido, foi a Rutinha filha dela que foi a minha parteira, Rutinha e minha prima Conceição era enfermeira.

**Entrevistador:** Ela fazia o parto e tinha ajudante com ela?

**Adalberto:** É, ela fazia parto e a Rute acompanhava, a filha dela, acompanhava [...]

**Ruth:** Acompanhava, ahan.

**Adalberto:** Mas com isso a Rute aprendeu né, que acompanhou né.

---

<sup>69</sup> Entrevista IV: Adalberto França Dias – 72 anos (aposentado). [set. 2013]. Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.) e Ruth Silva França – 72 anos (aposentada). Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 14 MB.).

**Ruth:** Minha irmã contou quando ela ganhou as gêmea dela? Ela que olhou a minha irmã quando ganhou, o Doutor deu parabéns pra ela.

**Adalberto:** Ela foi uma parteira respeitada por médico.

**Ruth:** Foi o Doutor Carlos pai.

**Entrevistador:** Por que a senhora preferiu ter filho em casa do que no hospital?

**Ruth:** Porque ela era uma parteira boa né, cuidava bem da gente, não precisava né, ahan [...] não era necessário, não tinha problema nada né, quando ela via que não dava mandava pro hospital.

**Adalberto:** Ela sabia só de tocar na mulher, já sabia a hora, que a criança ia nascer, sabia a hora todinha, quando tinha problema ela já falava: “Pode levar pro médico” [...] ela não mexia quando sabia que tinha problema [...].

**Entrevistador:** Sabem quantos partos ela fez?

**Adalberto:** Muita criança que eu conheço aqui foi a maioria das crianças, que a maioria das crianças foi por ela [...] a vila toda aqui, sempre ela.

**Entrevistador:** Ela cobrava para fazer o parto?

**Ruth:** Não, não, a pessoa dava se [...] doava as coisas pra ela, dava algum dinheiro, mas ela chega e fala é tanto nunca. A pessoa perguntava.

**Adalberto:** Era uma senhora forte, ativa [...] quando eu conheci Dona Joana, eu estava com mais ou menos idade de dezesseis anos, e ela já era madura (risos).

**Entrevistador:** Vocês se lembram como foi e quando colocaram a rua com o nome dela?

**Adalberto:** Rua Joaninha! [...] É [...] em homenagem a ela, por causa disso, o trabalho dela porque ela foi uma mulher conhecida aqui em Anastácio [...] foi uma mulher que serviu a comunidade, o prefeito reconheceu né, a autoridade reconheceu o trabalho dela, homenageou ela, com o nome Rua Joaninha.

**Entrevistador:** Os partos eram tranquilos?

**Ruth:** Eram [...] ela marcava a hora, esperava o momento né.

**Adalberto:** Era [...] a Vó Joaninha, mas não era piquininha não (risos), ela era forte, era baixotona né [...] você não via, não via uma pessoa doente nela não [...] olha eu nunca vi Dona Joaninha deitada, pra falar a verdade nunca vi [...] num lembro dela ficar deitada [...] toda vez que eu conheci a Dona Joana na luta [...] nunca vi aquela dona parada [...] sabia servir os outros [...] uma pessoa assim corre a notícia e na época não tinha quase, como eu vou dizer, aqui era só duas, tinha uma em Aquidauana que era a Dona Isaura, e aqui era ela.

**Entrevistador:** Foi fácil lembrar?

**Ruth:** O que a gente [...] num foi difícil não, o que a gente sempre guarda, o que a gente sabe, o que viu, que sabe da pessoa, é difícil da gente esquece [...] e outra além disso ela acompanhava todos os trabalho da igreja.

Entrevista V: João Patrocínio<sup>70</sup>

**Entrevistador:** Quem foi a Vó Joaninha?

**João:** Minha mãe [...] ela era parteira, uhun, aqui essa indaiada aqui, tudo ela cuidou, é neto, é bisneto, e é tataraneto, ih [...] e ela alcançou ainda o tataraneto, filho da Milca [...] e ela trabalhou muito aqui também aqui dentro de Anastácio, e a água aqui era difícil também, e ela ia lava roupa lá na Cachoeira, saia cedo [...] saída pra Campo Grande [...] voltava escurecendo, ela ia ela e o meu irmão Agenor, ele era gurizadinho [...] saiam cedo, levava mandioca assada pra ir comer lá (risos), coisa de rico naquela época era difícil né [...] ela lavava muito roupa de fora né, é [...] os antigo aqui Seu Euricano Saravi, Seu Aucilíno e ela costurava também [...] ela fazia mesmo, agora pra nós ela, ela pagava a dona Emília pra costurar, a mãe do Aler, ela era costureira, a Dona Moça muié do seu Gazuza, era tudo costureira dela [...] é ela cuidava de casa, ela fazia tudinho, ela cuidava daqui de casa [...] tinha dia certo dela trabalha pra fora né e ela não parava também né, porque ela que atendia, ela fazia parto por aí, médico era difícil, então ela que corria tudo aqui.

**Entrevistador:** O senhor onde ela nasceu?

**João:** Ela nasceu eu acho que ela nasceu em Buriti, na ardeia Buriti, porque ela caso lá né [...] ela casou lá na ardeia Buriti [...] nós viemo pra cá com uma base de, cálculo que tava de uma base de uns 6 anos, quando nós mudamo pra cá, foi mais ou menos em 1948, porque em 1950 eu estudava ainda lá na ardeia, lá da Missão Kaiowá, em Dourados [...] que minha mãe cuidava aqui e meus primo que morava aqui, eles estudava lá né, aí ela aproveitou e mando eu estuda lá, aí eu ia com eles pra lá, era mais novo né, aí ia com eles.

**Entrevistador:** Vocês eram em quantos irmãos?

**João:** Em 8, 8 irmão.

**Entrevistador:** E hoje vocês estão em quantos?

---

<sup>70</sup> Entrevista V: João Patrocínio – 75 anos (aposentado). Entrevistador: Ingrid Joyce de Lima Patrocínio. Anastácio, 2013. 1 arquivo .mp3 (Tamanho: 20,4 MB.).

**João:** Hoje tem [...] tem 4 né, tem o Luís, o Noel, Generosa, Naná e eu, 5! Uhun.

**Entrevistador:** Quem a ajudava nos partos?

**João:** A Rute que ajudava ela [...] a Rute também já tava atendendo bem, quando minha mãe ia ficando véia, ela que atendia, ela ia junto né, atendia né, ela foi ficando fraca pra segura a criança, então a Rute que [...] e ela pegou prática né, e ela pegou rápido também porque ela trabalho de enfermeira em Dourados né [...] e aproveitou e ficou mais fácil pra ela né.

**Entrevistador:** O senhor sabe com quem ela aprendeu?

**João:** Não sei com quem, ela aprendeu não, porque desde lá de Buriti ela já atendia, e eu nasci em 1938, eu nasci lá ardeia, e ela já era parteira né, e aqui ela atendeu todo mundo heim, não tinha hora pra ela ir, de noite, meia noite, madrugada, eles vinha atrás dela aqui, e não tinha hora [...].

**Entrevistador:** Sabe quantos partos mais ou menos ela chegou a fazer?

**João:** Ah! Não tem quantidade né (risos), da Dona Calu ali ela que atendeu tudinho, fora a Dona Margarida, a Felicina, tudo mundo aí chamo a Tia Joaninha [...].

**Entrevistador:** Sabe quando ela morreu?

**João:** Em 1990 [...] tem certidão de óbito dela aí [...].

**Entrevistador:** Tem alguma história da sua mãe que você não se esquece?

**João:** A única história que eu lembro (risos), quando ela arrumo pra eu estudar em Dourados, ela recomendo muito minha irmã pra chega naquele dia arruma minha roupa e manda pro, pros meu primo né, pra ver como ela cuidava, essa minha irmã Donata tava [...] tava pra ter criança lá em Piraputanga, e tava no dia dela ter criança, e minha mãe tinha que cuida ela lá né [...] ela recomendo muito pra minha irmã Generosa, manda eu pra escola né [...] aí quando chegava, tava pertinho pra eu ir eu fugi (risos) fugi pra fazenda, fui trabaia com seu Nestor Pacheco [...] aí eu fiquei 1 mês sem dá notícia, eu acho que tava com [...] uns 12 anos, ou 11 anos, uma coisa assim [...] e quando ela chego pergunto de mim né, “Ele fugiu, parece que ele tá trabaiaando numa fazenda aí”, aí quando [...] quase 1 mês aí [...] aí descobriram onde é que eu tava, aí trabaiei esse tempo lá até uns vinte e poucos anos com ele [...] e eu não quis estudar porque, nós era de uma família muito pobre né, e eu ficava com dó dela [...] ela que mantinha a casa [...].

**Entrevistador:** Você se lembra como sua mãe faleceu?

**João:** Ela ficou [...] ela faleceu ligero, ela tinha problema de [...] ela começo a quebra, a cai, quebro a bacia, e colo [...] aí colo e aí ela não parava aí, quando tava andando assim torno a quebra a perna, ela não parava [...] aí colo também [...] então o médico japonês de Campo

Grande falo pra minha irmã: “Você tem que ter paciência com a sua mãe, cuida ela bem, vai dura muito tempo” ele falo, o doutor falo né, falo: “Porque nessa idade colo a bacia, quebro a perna e colo”, ela tava com mais ou menos uns 80 e poucos ano, uns 86, 87 mais ou meno [...] aí ela perdeu a memória, tudo que ela falava, ela falava atravessado (risos), mas ela fazia de tudo ainda assim mesmo, ela ficou assim aí interno e ficou por lá, voltou pra casa e faleceu.